

IEL GOIÁS

**PROGRAMA INOVA
TALENTOS BUSCA
ESTIMULAR A
INOVAÇÃO**

SENAI GOIÁS

**PARCERIA GERA
EQUIPAMENTO
INOVADOR E
MAIS BARATO**

SESI GOIÁS

**ROBÓTICA
DESPERTA PARA
ÁREAS CARENTES
DE MÃO DE OBRA**

ENTREVISTA

"O Conselho Mundial da Água está firme na divulgação e na tentativa de implementação de um pacto pela segurança hídrica global", afirma Benedito Braga, o brasileiro que preside aquele organismo. A proposta implica no reconhecimento da importância central da água para o desenvolvimento socioeconômico, a saúde e sobrevivência dos povos.



ANO 61 / Nº 257 / MAIO 2014

Goiás Industrial

REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS



DE VOLTA AOS TRILHOS

QUANDO ENTRAR EFETIVAMENTE EM OPERAÇÃO, A FERROVIA NORTE-SUL TENDE A ESTIMULAR O INÍCIO DE NOVO CICLO DE CRESCIMENTO ECONÔMICO PARA O ESTADO, CRIANDO AS CONDIÇÕES PARA SALTO DE COMPETITIVIDADE

86° ENIC 21 a 23 de maio

Contagem Regressiva para o maior evento da Indústria da Construção



Você vai se juntar às melhores empresas e
profissionais que participam do crescimento do País

O setor da Indústria da Construção se reunirá em Goiânia para debates, discussões e trocas de experiências sobre o mercado, o crescimento do País e muito mais. Dois painéis com grandes personalidades brasileiras integrarão a programação.

Participe de apresentações completas sobre temas variados e cases de sucesso:

- ✓ Relações Trabalhistas
- ✓ Indústria Imobiliária
- ✓ Obras Públicas
- ✓ Privatizações e Concessões
- ✓ Materiais e Tecnologia
- ✓ Qualidade e Produtividade
- ✓ Meio Ambiente
- ✓ Ação Social e Cidadania

Inscreva-se no site www.enic.org.br

Mais informações: (62) 3214-1005 | e-mail: secretaria@qeeventos.com.br



86° ENIC 2014
Encontro Nacional da Indústria da Construção
21, 22 e 23 de maio - Goiânia, Goiás
CRESCER, BRASIL!
Com a nossa participação SEMPRE.

Promoção:



Realização:





NORTE-SUL, NÓS ACREDITAMOS

A inauguração está cada vez mais próxima e, por isso mesmo, a Ferrovia Norte-Sul é tema de reportagem de capa desta edição de **Goiás Industrial**, que traz relato passo a passo deste marco histórico. Dia 9 de fevereiro, pela primeira vez, desde o início da construção da FNS, em 1987, pelo então presidente José Sarney, uma composição com 22 vagões, carregados com 4.125 dormentes de concreto, pesando cerca de 2 mil toneladas, deixou Palmas, no Tocantins, para chegar em Anápolis, Goiás, quatro dias depois, num trajeto de 855 quilômetros. O material transportado está sendo usado na instalação do Pátio Multimodal anapolino, para acelerar suas obras.

A construção da Norte-Sul, que ganhou novo impulso com os presidentes Lula da Silva e Dilma Rousseff, sempre teve o incentivo da Fieg, ciente de sua extraordinária importância não apenas para o desenvolvimento socioeconômico da região cortada pela ferrovia mas de todo o País. Em 2012, por exemplo, o congestionamento logístico nos portos do Sul e rodovias provocou prejuízos de milhões aos produtores de soja, com o cancelamento de compra, pela China, de 2 milhões de toneladas do grãos, devido ao atraso na entrega. Além dos produtores, perdeu toda a economia do Centro-Oeste.

Naquela ocasião, a Fieg enviou correspondência à Presidenta Dilma, ponderando que, com a ferrovia, “a produção brasileira, não apenas do Centro-Oeste, se expandirá e chegará, dotada de competitividade, a nossos portos para se sobressair nos maiores mercados consumidores do Planeta”. Já em abril de 2013, lhe reiteramos o apelo da indústria goiana “pela conclusão, o quanto antes, da Norte-Sul que, integrada a outras

“*A CONSTRUÇÃO DA NORTE-SUL SEMPRE TEVE INCENTIVO DA FIEG POR SUA EXTRAORDINÁRIA IMPORTÂNCIA NÃO APENAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO DA REGIÃO CORTADA PELA FERROVIA MAS DE TODO O PAÍS.*”

PEDRO ALVES DE OLIVEIRA,
presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás

ferrovias, consagrará Vossa Excelência como a grande responsável por uma obra que representa fator preponderante no crescimento de nada menos de dez Estados: Pará, Maranhão, Tocantins, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Depois da Norte-Sul, surgirá um Brasil maior ainda do que o resultante da Rodovia Belém-Brasília, um dos marcos de uma época quando o País crescia 50 anos em cinco”.

Nossa convicção sobre a breve realidade da Ferrovia Norte-Sul está consolidada, entretanto, desde o final do ano passado, quando, em Itajubá (MG), ao participar da inauguração de uma fábrica de geradores do presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Robson Braga de Andrade, com muita honra dialogamos com Dilma Rousseff, ali presente, e ouvimos dela: “Eu vou concluir a Norte-Sul”. Perguntamos-lhe quando, e suas palavras foram determinadas: “Até Goiás, em 2014”. Quem somos nós, presidente da Fieg, para duvidar da palavra da mais alta autoridade do Brasil. Portanto, nós acreditamos!



SISTEMA FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Presidente: Pedro Alves de Oliveira

FIEG REGIONAL ANÁPOLIS

Presidente: Wilson de Oliveira

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Bairro Jundiá, CEP 75113-630, Anápolis-GO
Fone/Fax (62) 3324-5768 / 3311-5565
E-mail: fieg.regional@sistemafieg.org.br

SESI

Serviço Social da Indústria

Diretor Regional: Pedro Alves de Oliveira

Superintendente: Paulo Vargas

SENAI

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

Diretor Regional: Paulo Vargas

IEL

Instituto Euvaldo Lodi

Diretor: Hélio Naves

Superintendente: Humberto Oliveira

ICQ BRASIL

Instituto de Certificação Qualidade Brasil

Diretor: Justo O. D'Abreu Cordeiro

Superintendente:

Dayana Costa Freitas Brito

DIRETORIA DA FIEG

Presidente

Pedro Alves de Oliveira

1º Vice-Presidente

Wilson de Oliveira

2º Vice-Presidente

Eduardo Cunha Zuppani

3º Vice-Presidente

Antônio de Sousa Almeida

1º Secretário

Marley Antônio da Rocha

2º Secretário

Ivan da Glória Teixeira

1º Tesoureiro

André Luiz Baptista Lins Rocha

2º Tesoureiro

Hélio Naves

Diretores

Segundo Braoios Martinez
Sandro Marques Scodro
Orizomar Araújo Siqueira
Ubiratan da Silva Lopes
Manoel Paulino Barbosa
Robson Peixoto Braga
Roberto Elias de L. Fernandes
José Luis Martin Abuli
Álvaro Otávio Dantas Maia
Eurípedes Felizardo Nunes
Jair Rizzi
Henrique W. Morg de Andrade
Eduardo Gonçalves
Leopoldo Moreira Neto
Flávio Paiva Ferrari
Luiz Gonzaga de Almeida
Luiz Ledra
Daniel Viana
Oswaldo Ribeiro de Abreu
Elvis Roberson Pinto
Eduardo José de Farias
Valdenício Rodrigues de Andrade
Ailton Aires de Mesquita
Hermínio Ometto Neto
Carlos Alberto Vieira Soares
Jerry Alexandre de Oliveira Paula
Josélio Vitor da Paixão
Jaime Canedo

Conselho Fiscal

Justo O. D'Abreu Cordeiro
Laerte Simão
Mário Drummound Diniz

Conselho de Representantes junto à CNI

Paulo Afonso Ferreira
Sandro Antônio Scodro

Conselho de Representantes junto à Fieg

Abílio Pereira Soares Júnior
Ailton Aires Mesquita
Alexandre Baldy de Sant'anna Braga
Álvaro Otávio Dantas Maia
Antônio Alves de Deus
Carlos Alberto de Paula Moura Júnior
Carlos Alberto Vieira Soares
Carlos Roberto Viana
Célio Eustáquio de Moura
Cyro Miranda Gifford Júnior
Daniel Viana
Domingos Sávio G. de Oliveira
Edilson Borges de Sousa
Eduardo Cunha Zuppani
Eliton Rodrigues Fernandes
Elvis Roberson Pinto
Emílio Carlos Bittar
Eurípedes Felizardo Nunes
Fábio Rassi
Flávio Paiva Ferrari
Flávio Santana Rassi
Francisco Gonzaga Pontes
Gilberto Martins da Costa
Hélio Naves
Henrique Wilhem Morg de Andrade

Heribaldo Egídio
Hermínio Ometto Neto
Jaime Canedo
Jair Rizzi
Jercy Teixeira de Carvalho Júnior
João Essado
Joaquim Cordeiro de Lima
Joaquim Guilherme Barbosa de Sousa
José Alves Pereira
José Antônio Vitti
José Divino Arruda
José Luiz Martin Abuli
José Romualdo Maranhão
José Vieira Gornide Júnior
Laerte Simão
Leopoldo Moreira Neto
Luiz Antônio Vessani
Luiz Gonzaga de Almeida
Luiz Ledra
Luiz Rézio
Manoel Silvestre Álvares da Silva
Marley Antônio Rocha
Nilton Pinheiro de Melo
Olympio José Abrão
Orizomar Araújo de Siqueira
Paulo Sérgio de Carvalho Castro
Pedro Alves de Oliveira
Pedro de Souza Cunha Júnior
Pedro Paulo Tavares Costa
Pedro Silvério Pereira
Plínio Boechat Lopes
Ricardo Araújo Moura
Roberto Elias de Lima Fernandes
Robson Peixoto Braga
Sandro Antônio Scodro Mabel
Sávio Cruvinel Câmara
Segundo Braoios Martinez
Sílvio Inácio da Silva
Ubiratan da Silva Lopes
Valdenício Rodrigues de Andrade
Wellington Soares Garrijo
Wilson de Oliveira

CONSELHOS TEMÁTICOS

Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação

Presidente
Melchiades da Cunha Neto

Vice-Presidente
Ivan da Glória Teixeira

Conselho Temático de Meio Ambiente

Presidente
Henrique W. Morg de Andrade

Vice-Presidente
Aurelino Antônio dos Santos

Conselho Temático de Infraestrutura

Presidente
Célio de Oliveira

Vice-Presidente
Álvaro Otávio Dantas Maia

Conselho Temático de Política Fiscal e Tributária

Presidente
Eduardo Zuppani

Vice-Presidente
José Nivaldo de Oliveira

Conselho Temático de Relações do Trabalho

Presidente
Sílvio Inácio da Silva

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa

Presidente
Leopoldo Moreira Neto

Vice-Presidente
Carlos Alberto Vieira Soares

Conselho Temático de Responsabilidade Social

Presidente
Antônio de Sousa Almeida

Vice-Presidente
Rosana Gedda Carneiro

Conselho Temático de Agronegócios

Presidente
André Lavor Pagels Barbosa

Vice-Presidente
Ananias Justino Jaime

Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais

Presidente
Emílio Bittar

Vice-Presidente
José Carlos de Souza

Conselho Temático Fieg Jovem

Presidente
Leandro Almeida

Vice-Presidente
Agripino Gomes de Souza Júnior

Conselho Temático de Desenvolvimento Urbano

Presidente: Ilézio Inácio Ferreira
Vice-Presidente: Roberto Elias Fernandes

Rede Metrológica Goiás

Presidente
Margal Henrique Soares

Câmara Setorial de Mineração

Presidente
José Antônio Vitti

Vice-Presidente
Luiz Antônio Vessani

Câmara Setorial da Indústria da Construção

Presidente
Sarkis Nabi Curi

Vice-Presidente
Gilberto Martins da Costa

Leitores aprovam novo projeto da Goiás Industrial

O novo projeto gráfico e editorial da revista **Goiás Industrial**, que estreou na edição 256 (março 2014), agradou aos leitores da mais antiga publicação de economia do Estado. As manifestações ocorreram por cartas ou por comentários no Facebook, onde foram registradas também 25 “curtidas”.



“ Nos anos 80 e parte dos anos 90 tive a honra de editar a **Goiás Industrial**. A revista era em preto e branco mas conservava o que ainda é hoje: o espelho das ações da Federação das Indústrias de Goiás e dos seus sindicatos. Tenho orgulho em ter feito parte dessa história e de acompanhar a evolução da **Goiás Industrial**, agora com novo, poderoso projeto gráfico. Parabéns a toda equipe de comunicação da Fieg, entidade sempre parceira da Contato Comunicação nesses anos todos.”



IURI GODINHO, jornalista, diretor da Contato Comunicação



“(A revista) ficou excelente!!! Muito boa!!!”

THOMAS FERREIRA SOUZA, da Lads Design

“ O novo projeto gráfico deixou a revista mais atraente. Seu visual mais clean contribui para que o leitor realmente leia seu conteúdo.”



LINDALVA BUFAIÇAL, jornalista, assessora de imprensa da Fecomércio

“ Gostaria de parabenizar toda a equipe da revista **Goiás Industrial** pelo novo layout. Ficou bem atualizada e com excelentes matérias sobre o setor industrial goiano. Sucesso nesta nova etapa da revista.”



AILTON AIRES MESQUITA, empresário, 1º secretário do Sindirepa-GO

“ A revista **Goiás Industrial** está muito bacana. Destaque para as matérias de Lauro Veiga Filho e toda a equipe. O novo projeto gráfico é de encher os olhos. Parabéns!”



WESLEY CESAR, chefe de Marketing no Ministério Público de Goiás e professor de pós-graduação na Alfa

“ Parabéns pela revista! Continua melhorando o já muito bom padrão costumeiro das publicações da Fieg.”



ÉLDER DIAS, jornalista, redator chefe do Jornal Opção

EXPEDIENTE



Direção
José Eduardo de Andrade Neto

Coordenação de jornalismo
Geraldo Neto

Edição
Lauro Veiga Filho e Dehovan Lima

Reportagem
Andelaine Pereira, Célia Oliveira, Daniela Ribeiro, Edilaine Pazini,

Jávier Godinho, Nathaly Toalitari e Janaina Staciariini e Corrêa

Colaboração
Wellington da Silva Vieira

Fotografia
Sílvia Simões, Alex Matheiros e Sérgio Araújo

Projeto gráfico
Jorge Del Bianco

Capa, ilustrações, diagramação e produção
Jorge Del Bianco
DC Design Gráfico e Comunicação

Impressão
Gráfica Kelps

Departamento Comercial
André Lavor
(9152-5578)

Redação e correspondência
Av. Araguaia, nº 1.544, Ed. Albano Franco, Casa da Indústria - Vila Nova
CEP 74645-070 - Goiânia-GO
Fone (62) 3219-1300 - Fax (62) 3229-2975
Home page: www.sistemafieg.org.br
E-mail: fieg@sistemafieg.org.br

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista

Goiás Industrial

REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS



DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

12 / As dificuldades crescentes para assegurar o suprimento de água geram custos para toda a economia, influenciam decisões de investimento e afetam a competitividade das empresas, segundo o workshop Cenário Mundial do Uso da Água como Fator de Desenvolvimento Sustentável, promovido pela Fieg, com participação do presidente do Conselho Mundial da Água, Benedito Braga (esquerda)

PIRACANJUBA

29 / Há quase seis décadas no mercado, a Laticínios Bela Vista, dona da marca Piracanjuba, do empresário Cesar Helou (foto), investe em mais uma fábrica, agora em Governador Valadares (MG)



CICLO VERDE

38 / Em seu sétimo ano, a Ciclo Verde incrementa seu portfólio, que já oferece soluções diferenciadas para tratamento e gestão de resíduos orgânicos, com aplicação de biotecnologia exclusiva no processo de compostagem

MADE IN GOIÁS

39 / A Planalto Indústria Mecânica começa a executar seu plano de expansão, que incluirá a renovação do maquinários e instalação de mais duas linhas de produção

ENTREVISTA



08 / Presidido pelo brasileiro Benedito Braga (foto), o Conselho Mundial da Água articula nas Nações Unidas um pacto em defesa dos recursos hídricos e a favor de mecanismos que promovam a segurança hídrica ao redor do mundo



ENERGIA ELÉTRICA

30 / Setor industrial cobra urgência na conclusão do acordo entre o governo do Estado e a Eletrobras, que vai definir o futuro da Celg Distribuição. Mesmo depois do acerto, no entanto, o cenário será de dificuldades para o setor elétrico no Estado pelo menos até 2015.



SEGURANÇA NO TRABALHO

34 / As indústrias de panificação e cerâmica começam a ser fiscalizadas pelo Ministério do Trabalho para verificar o cumprimento da Norma Regulamentadora 12, que tornou mais rigorosas as exigências de segurança de máquinas e equipamentos

DE VOLTA AOS TRILHOS



GAPA

24 / A conclusão da Ferrovia Norte-Sul e a construção de vias de acesso, terminais e pátios de manobras, além de novos trechos ferroviários interligando o Centro-Oeste às demais regiões do País, devem criar as condições para um salto de competitividade em Goiás, com barateamento dos custos logísticos



SENAI GOIÁS

16 / A goiana Tractorgyn desenvolveu, em parceria com o Senai Goiás, e já colocou no mercado um equipamento que substitui escavadeiras e pás-carregadeiras mais barato do que seus concorrentes importados



SESI GOIÁS

18 / Alunos das escolas do Sesi Goiás já constroem robôs utilizando peças de um conhecido jogo de montar, numa atividade que estimula o raciocínio lógico e ajuda a formar vocações para as áreas de engenharia, matemática e física, exatamente onde a carência de mão de obra é maior



IEL GOIÁS

21 / Numa parceria com o CNPq, o Instituto Euvaldo Lodi lança o Programa Inova Talentos para reduzir as disparidades na área da inovação entre o Brasil e o restante do mundo e estimular investimentos nesta área e capacitar fornecedores locais



MEMÓRIA

40 / A tradicional Café Moinho Fino está de mudança para o Polo Empresarial de Aparecida de Goiânia e vai triplicar sua capacidade, segundo o empresário Carlos Roberto Viana (foto)

ARTIGOS

03 e 15 / Pedro Alves de Oliveira, sobre a Norte-Sul, e André Lavor, sobre o agronegócio goiano

POR DENTRO DA INDÚSTRIA

42 / John Deere e Grupo Hypermercados anunciam investimentos no Estado

GENTE DA INDÚSTRIA

43 / Centro volta a atrair empreendimentos imobiliários

GIRO PELOS SINDICATOS

46 / Notícias dos sindicatos industriais filiados à Fieg

“O BRASIL PASSA HOJE POR UMA SITUAÇÃO INUSITADA COM RELAÇÃO ÀS QUESTÕES CLIMÁTICAS, CUJO IMPACTO SE DÁ PRINCIPALMENTE EM CIMA DESSE RECURSO VITAL PARA NOSSA EXISTÊNCIA”

BENEDITO BRAGA
Presidente do Conselho Mundial da Água



Um pacto pela água

Laura Veiga Filho

Ph.D. pela Universidade de Stanford (EUA) e responsável pelos fóruns da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre a água nas reuniões de Haia e Kyoto, o brasileiro Benedito Braga, presidente do Conselho Mundial da Água, participou, em abril, a convite da Fieg, do workshop Cenário Mundial do Uso da Água como Fator de Desenvolvimento Sustentável. Em entrevista à **Goiás Industrial**, Braga articula um pacto global em defesa dos recursos hídricos.

Goiás Industrial – O mundo celebrou, em 22 de março, o Dia Mundial da Água. Há mesmo motivos para comemoração? Qual a situação dos recursos hídricos nas principais regiões do mundo atualmente e quais os cenários futuros nesta área?

Benedito Braga – Sim, há motivos para celebração, por que hoje a água é um assunto que está na agenda mundial e, portanto, há uma esperança de que o tema da água vá se solidificar no futuro e nós poderemos assim enfrentar melhor os desafios neste setor. A situação dos recursos hídricos pelo mundo apresenta hoje uma situação ainda complicada, sem dúvida nenhuma, principalmente em relação ao acesso à água potável e ao saneamento. Temos uma situação ainda muito difícil em países da África, do Sudeste da Ásia, da América Latina. Temos problemas complexos relacionados a desastres naturais ligados à água, como grandes cheias, e escassez de água em diferentes partes do mundo. O Brasil passa hoje por uma situação inusitada com relação às questões climáticas, cujo impacto se dá principalmente em cima desse recurso vital para nossa existência.

Goiás Industrial – *Qual a visão do Conselho Mundial da Água para as relações entre mudanças climáticas e a oferta global de água, levando-se em conta que já há uma escalada dos conflitos em torno da oferta de recursos hídricos?*

Benedito Braga – Mudanças climáticas ocorrem desde que a humanidade apareceu no planeta Terra. Graças às mudanças climáticas nós tivemos períodos de maior desenvolvimento da humanidade e tivemos, da mesma forma, períodos mais complicados. Os estudiosos da História indicam que, durante períodos mais frios, na Pequena Idade do Gelo, que aconteceu na Idade Média, as guerras eram mais frequentes e existem estudos os mais variados sobre o assunto. Hoje esse tema está muito presente na agenda política. Entretanto, quando analisamos as mudanças climáticas, nós observamos que o seu impacto, o impacto da mudança do clima ocorre no sistema de recursos hídricos. Portanto, quando nós falamos de mudanças climáticas, imediatamente falamos de água e falamos de mecanismos de adaptação a essa situação. Poderá haver uma escalada de conflitos em torno da oferta de água se nós não tivermos a compreensão da importância do gerenciamento dos recursos hídricos. Por isso que o Conselho Mundial da Água está firme na divulgação e na tentativa de implementação de um pacto pela segurança hídrica global, que lançamos nas Nações Unidas no sentido de que os países membros dessa organização subscrevam esse pacto, que basicamente reconhece a fundamental importância da água para o desenvolvimento socioeconômico, para a higiene e a saúde das populações e para a conservação dos ecossistemas aquáticos importantes.

Goiás Industrial – *No Brasil, da mesma forma, têm se agravado os conflitos entre agricultura, indústria, consumo humano e outros usos. O que se pode esperar daqui em diante?*

Benedito Braga – Os primeiros conflitos em relação à água de que nós temos notícia em nosso País são relativamente recentes. E não foram conflitos entre usos conflitantes, mas entre usuários conflitantes do mesmo uso. Foi o caso

do Rio Verde Grande, um rio federal compartilhado entre Minas Gerais e Bahia, onde os agricultores daquela bacia estavam utilizando os recursos hídricos além da capacidade do manancial, em torno do ano 2000. Neste sentido, a ANA (Agência Nacional das Águas) passou a cumprir o seu mandato legal de mediar conflitos, neste caso, entre usuários do uso agrícola. Obviamente, essa questão do uso múltiplo é uma questão muito importante para o Brasil e nós temos que estar atentos porque o uso agrícola, sem dúvida alguma, é um uso consultivo e, na medida em que esse uso existe, há que se fazer uma compatibilização com os outros usos da água, em particular o uso hidroelétrico, o uso para navegação e o uso para o abastecimento doméstico e dessedentação de animais. O que se espera daqui para frente, sem dúvida, é um acirramento desses conflitos, muitas vezes não em função da água propriamente dita, mas em função de questões de natureza política. A água é um tema que tem muito a ver com a ordem política e, portanto, não é possível isolar a questão técnica da questão política.

Goiás Industrial – *Em levantamento recente, a SOS Mata Atlântica analisou a qualidade da água em 96 mananciais distribuídos por sete Estados brasileiros nas regiões Sul e Sudeste, que concentram maior parcela da população. Como resultado, identificou-se que 40% daqueles cursos d'água, entre rios, córregos e lagos, encontram-se em condições ruins e péssimas e apenas 11% apresentam boa qualidade da água. O que pode explicar esse quadro nas regiões mais desenvolvidas do País?*

Benedito Braga – A explicação vem exatamente do fato de que a água é utilizada nos processos produtivos, seja do ponto de vista da indústria e da agricultura, seja do ponto de vista do abastecimento doméstico e industrial. Portanto, em função de um descaso das autoridades competentes para coibir o lançamento de efluentes poluídos nos rios, nós chegamos a uma situação dessa natureza. O que se observa é que o sistema de gerenciamento ambiental baseado em multas e em comando e controle não deu certo no Brasil. Na



“Poderá haver uma escalada de conflitos em torno da oferta de água se nós não tivermos a compreensão da importância do gerenciamento dos recursos hídricos”

área de gerenciamento de recursos hídricos procurou-se uma alternativa a esse sistema de comando e controle que é o sistema de gestão através de instrumentos econômicos, como o conceito do poluidor/pagador, que é muito importante no sentido de que os usuários que estão lançando efluentes nos cursos d'água passam a receber cobrança por utilizar o recurso e por jogar efluentes nesses cursos. Eles podem até lançar esses efluentes, mas não pagar caro por isso. E, na medida em que pagam caro, vão procurar alternativas de tratamento. Portanto, o quadro atual pode ser explicado como resultado de uma metodologia de controle do sistema ambiental que não deu certo e nós temos esperanças de que agora o processo de gestão dos recursos hídricos baseado em mecanismos econômicos tenha maior sucesso.

Goiás Industrial – Neste momento, o Brasil enfrenta riscos no suprimento de energia elétrica por conta dos níveis reduzidos de água nos reservatórios de hidrelétricas. A região me-

temos desde o século passado. Agora, há questões ambientais mais amplas sem dúvida nenhuma. Há uma grande questão ambiental no que diz respeito à implementação da infraestrutura hídrica, ou seja, dos reservatórios que vão possibilitar que nós possamos ter uma resiliência maior às mudanças climáticas, à variabilidade do clima. As questões ambientais associadas vão na direção de uma complexidade que hoje enfrentam os governantes no Brasil para fazer qualquer obra hidráulica. Uma barragem hoje é vista como uma obra do demônio. É exorcizada por grupos radicais ambientalistas, que acham que esses reservatórios impactam demais o meio ambiente e não podem ser construídos. Veja, ninguém é contra o meio ambiente, ninguém é contra a ecologia, mas o que nós precisamos ter, hoje, é um pouco mais de bom senso em relação a esse tema e entender que obras hidráulicas são necessárias e que hoje a tecnologia evoluiu suficientemente para que possamos realizá-las com um mínimo impacto sobre o meio ambiente.

“O Conselho Mundial da Água está firme na divulgação e na tentativa de implementação de um pacto pela segurança hídrica global, que lançamos nas Nações Unidas”

tropolitana de São Paulo, da mesma forma, teve as reservas da Cantareira reduzidas a níveis históricos, em torno de 14% de sua capacidade, neste início de ano. Apenas a falta de chuvas explica todos esses problemas ou há questões ambientais mais amplas para as quais o País deveria dedicar maior atenção?

Benedito Braga – De fato, a falta de chuvas explica muito da situação que está acontecendo hoje no Brasil e principalmente na região Sudeste. O clima explica também porque estamos tendo enchentes das mais significativas já observadas nos registros históricos. Nós estamos de fato observando um regime de chuvas absolutamente anômalo na região Sudeste, onde observamos totais de precipitações nos meses chuvosos na casa de 10% a 15% do esperado para aquela época do ano, o que realmente nunca aconteceu antes nessa região e isso é confirmado pelos registros históricos que

Goiás Industrial – Segundo a Agência Nacional de Águas (ANA), o Brasil detém 13% das águas doces do planeta, mas 80% delas encontram-se na região Amazônica, que, por sua vez, abriga pouco menos de 5% da população. Como o País deveria estar olhando para esta região chave, em termos ambientais, e quais deveriam ser as políticas destinadas às demais regiões, onde estão os restantes 95% dos brasileiros e que dispõem apenas de 20% da oferta hídrica?

Benedito Braga – De fato, o Brasil é um país que tem uma diversidade hidrológica significativa, assim como tem uma diversidade social, econômica e ambiental representativa. É um país muito grande e, desta forma, não podemos ter uma política única para todo o país. No meu modo de ver, em termos de política pública, o que temos que ter em torno da água na Amazônia é um monitoramento preciso, detalhado



“Na área de gerenciamento de recursos hídricos procurou-se uma alternativa a esse sistema de comando e controle que é o sistema de gestão através de instrumentos econômicos, como o conceito do poluidor/pagador”

da evolução dos recursos hídricos na região. Atualmente, na Amazônia, de forma geral, temos um ecossistema preservado na floresta tropical fluvial. Nós temos um avanço da exploração agrícola na região da savana e há que se verificar práticas agrícolas sustentáveis, como o plantio direto, integrando a questão das águas e dos solos de uma maneira eficiente. Mas eu acho que, na região, a tônica tem que ser o monitoramento da quantidade e da qualidade da água. Por que eu digo qualidade? Porque as cidades da região Amazônica apresentam os mesmos problemas de poluição das cidades do Sudeste do Brasil. Quer dizer, não há uma diferenciação nesta questão da poluição quando se trata do meio ambiente urbano. Tanto na Amazônia, quanto no Nordeste e em São Paulo, no meio urbano nós temos essa questão da poluição. Esta é uma questão séria e que tem que ser tratada dentro do um ponto de vista não dentro de um recorte regional, mas num recorte da urbanização. A política para a região Sudeste é muito clara. Nós temos que investir na recuperação dos nossos rios e córregos urbanos que estão totalmente comprometidos. Temos que investir massivamente em saneamento, em estações de tratamento de esgoto. A ANA, quando eu ainda era diretor lá nos anos 2003, 2004, lançou um programa nacional de compra de esgoto tratado para financiar de uma forma inteligente os municípios para que fizessem o tratamento de seus esgotos. Aparentemente esse programa se perdeu no tempo, mas seria uma boa oportunidade se o atual governo pudesse dar maior importância a ele, porque é um sistema de financiamento, de subsídio aos municípios de forma muito eficiente e eficaz, que possibilitou, naquela época, servir uma população de mais de 3 milhões de habitantes nas regiões mais poluídas de São Paulo.

Goiás Industrial – *Oito anos depois de lançado o Plano Nacional de Recursos Hídricos, apenas cinco Estados, em alguns apenas para parte reduzida de suas bacias, instalaram comitês de bacia e adotaram políticas de cobrança pelo uso da água. Isso*

pode ser visto como retrato da desatenção do País em relação aos seus recursos hídricos, que embora abundantes não são eternos?

Benedito Braga – O Plano Nacional de Recursos Hídricos é uma carta de intenções. Quer dizer, ele foi um plano feito com muita participação interinstitucional, com muitas reuniões, conversas, discussões. Mas, na verdade, se você for observar em detalhe, não é um plano de ação, ele não tem uma estratégia clara, diretrizes precisas como um plano que tem que ser seguido necessita. Eu não estou aqui menosprezando esse plano, mas estou apenas dizendo que ele é uma carta de intenções, de vontade de que os recursos hídricos sejam reconhecidos. Agora, por que apenas uma parte reduzida das bacias têm comitês? Porque muitas bacias não precisam de comitês. Por exemplo, na região Amazônica, na maioria de suas bacias hidrográficas, o que precisamos é monitorar, como já falei. Não há uma premência para ter um comitê de bacia. Na região Sudeste, onde nós temos um compromisso importante da qualidade da água nos rios e outros mananciais, precisamos ter esses comitês e é ali que a maioria deles está instalada. Os comitês não são instalados saindo por aí olhando o mapa e dizendo aqui tem que ter um, ali tem que ter outro. O comitê tem que existir onde existe problema. Na Amazônia hoje temos problemas nas áreas urbanas. Então, talvez valesse à pensa ter um comitê de algum afluente, de algum igarapé que passa por dentro de Manaus e assim por diante. Comitê de bacia não é algo que é obrigado a ser feito. Ele precisa existir na medida de sua necessidade. Não se trata, portanto, de um retrato de desatenção por parte da ANA. A agência está fazendo um trabalho muito bom, que é um pacto com todos os Estados brasileiros e com o Distrito Federal para unificar de fato a gestão de recursos hídricos no Brasil. Esta é sim uma ação importantíssima que a agência está fazendo de trazer os Estados juntos nessa missão de gerir as águas. E só fortalecendo os Estados vai ser possível fazer com que os comitês de bacia funcionem direito.

AMEAÇA À PRODUÇÃO

Problemas no suprimento de água geram custos para as empresas, afetam decisões de investimento e funcionam como uma barreira ao crescimento

Nathalya Toaliari

Mais de 780 milhões de pessoas no mundo, 11% da população, não têm acesso à água potável e 2,5 bilhões carecem de serviços de saneamento. Os números são da Organização das Nações Unidas (ONU), que estima que a demanda global por água pode ultrapassar em 44% os recursos disponíveis já em 2050, enquanto a necessidade de energia poderá aumentar em 50% de hoje até essa data.

Em Goiás, 55% da população não possuem atendimento de esgoto, são 3,3 milhões de pessoas, de acordo com a Companhia de Saneamento de Goiás (Saneago). E o percentual de desperdício ao longo do processo de captação, tratamento e distribuição, em 2013, chegou a 28,66% do total de água captada. Insumo fundamental para a atividade industrial, a água influencia direta-

te na competitividade do setor – que responde por 19% do consumo total de recursos hídricos no Estado, sendo Goiás responsável por 8,09% do consumo nacional total.

Nesse contexto, a Fieg realizou o workshop Cenário Mundial do Uso da Água como Fator de Desenvolvimento Sustentável, com participação do presidente do Conselho Mundial da Água, Benedito Braga, maior autoridade brasileira na questão dos recursos hídricos e do abastecimento de água, Ph.D. pela Universidade de Stanford (EUA) e responsável pelos fóruns da ONU sobre a água nas reuniões de Haia e Kyoto.

O evento ocorreu no dia 14 de abril, na Casa da Indústria, em Goiânia, e trouxe duas discussões principais: segurança hídrica global e a água como fator competitivo na economia goiana. Além do presidente do Conselho Mundial da Água, participaram o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais, Olavo Machado Júnior; o presidente da Associação Brasileira das Empresas Geradoras de Energia, Flávio Neiva; e o gerente geral de Sustentabilidade na Votorantim Metais, Ricardo Barbosa, empresários e secretários de Estado.



■ *Workshop: especialistas e empresários discutem segurança hídrica global e o uso da água como fator de desenvolvimento sustentável*

Impactos na competitividade

Problemas com o fornecimento de água já aumentam os custos e afetam as decisões de investimento de empresas, além de impedirem o aumento da produção agropecuária. Empreendimentos deixam de ser instalados e agricultores são impedidos de investir em pivôs de irrigação para elevar sua produtividade agrícola. O que antes era só uma ameaça, já é algo real, que afeta a competitividade e pode barrar o aumento da produção. O alerta foi feito por Benedito Braga, durante o workshop. Segundo Braga, a água já é um recurso escasso que começa a ser conhecido como petróleo do século 21, diante do aumento da população e da atividade produtiva, e redução das reservas subterrâneas.

“O aumento da renda significa mais consumo e o problema da água é mais urgente que o da energia”, afirmou Braga. Ele lembrou que a discussão sobre água sempre esteve entre as preocupações da classe política, mas as ações demoraram demais. Com um clima anômalo, isso ficou bem mais urgente e essa classe política começa a entender que água é questão vital.

“Nunca se viu uma situação de seca dessa envergadura. Há risco real de impactos econômicos e de saúde pública. Sem água e saneamento, as consequências são sérias.”



■ Irrigação de lavouras e pastagens: segmento responde por 66% do consumo de água captada diretamente de mananciais

ZONA DE CONFLITOS

A irrigação é o primeiro setor no ranking de uso consuntivo da água (retirada direto da fonte), com 66%, seguida pela indústria, com 19%. Mas, de acordo com o secretário de Agricultura do Estado, Antônio Flávio de Lima, Goiás só utiliza 5% de seu potencial de irrigação. Em Cristalina, cidade com maior área irrigada da América Latina, com 627 pivôs (50.722 hectares), que produz 40 culturas diferentes, já existem conflitos relacionados ao uso da água.

O superintendente de Irrigação da Secretaria de Agricultura do Estado, Alécio Maróstica, lembra que a cidade foi surpreendida com a instalação de uma hidrelétrica no Rio São Marcos, que obteve a outorga para o uso da água, sem uma reunião com os agricultores. “Quando vimos, não podiam autorizar mais irrigantes”, destaca. Para ele, é preciso uma nova modulação de irrigação, onde o produtor investirá em culturas que deem mais segurança, utilizando menos água.

A visão da indústria

O setor industrial destaca como desafio persistente, quando o assunto é gestão dos recursos hídricos, a necessidade de superação dos déficits de saneamento básico. Causa principal do comprometimento da qualidade dos corpos hídricos do País, a falta de saneamento tem relação direta com a saúde da população e com a conservação dos ecossistemas. No Estado de Goiás 55% da população não possui atendimento de esgoto e 6,4% não tem água encaçada – dados da Saneago, referentes a 2013.

“A área de saneamento básico precisa resolver seus problemas de gestão

para reduzir custos e aumentar a eficiência, atraindo assim o investimento essencial para a universalização do serviço”, afirma o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira. O aumento das demandas, das situações de escassez e da concorrência por água já reflete nos custos das empresas e em algumas opções estratégicas de investimentos. Alguns dos principais setores industriais goianos – de alimentos e bebidas, farmoquímico e mineração – são os que mais demandam água no processo produtivo.

À perda física de água ao longo do processo de captação, tratamento e distribuição soma-se a perda comercial, causada por problemas de medição e de gastos de energia. Existem

estimativas de que pelo menos 45% da água distribuída no Brasil se perde ao longo trajeto entra a fonte de captação e o consumidor final. Em 2013, no Estado de Goiás, essas perdas foram da ordem de 28,66% do total captado, de acordo com a Saneago.

A indústria reconhece a legitimidade da cobrança pelo uso da água das bacias hidrográficas, que caminha para a consolidação no Estado, mas se preocupa com a clareza dos critérios, com o equilíbrio na cobrança e com os valores que serão estabelecidos. “Quando se fala em cobrança pelo uso da água, algumas questões são primordiais. O Estado precisa eliminar desperdícios e intensificar o tratamento de efluentes, por exemplo”, afirma Pedro Alves.



MULTIPLIQUE OS OVOS DE OURO VALORIZANDO AS PRATAS DA CASA.

PELA NOVA LEI DO PRODUIR, A EMPRESA QUE INVESTIR 5% DO ICMS PAGO NA INDÚSTRIA DA COMUNICAÇÃO DE GOIÁS GANHA 20% DE DESCONTO NA PARCELA DO ICMS FINANCIADO.

Com a nova Lei 18.307/2013, as empresas beneficiárias do PRODUIR ganham um incentivo extra na contratação de empresas integrantes da Indústria da Comunicação de Goiás: desconto de 20% no ICMS financiado anualmente. Para isso, basta investir apenas 5% do ICMS pago em ações de comunicação. Além de movimentar as vendas e fortalecer suas marcas com comunicação de qualidade, sua empresa recebe benefícios tributários e ainda ajuda a consolidar o mercado da comunicação, que gera empregos, renda e desenvolvimento para Goiás.

Viu só? Grandes oportunidades sempre estiveram aqui pertinho, no seu quintal. Agora, com a nova Lei do Produzir, as empresas de comunicação de Goiás podem ajudar a multiplicar seus ovos de ouro.

SAIBA MAIS EM: WWW.FORCOMGOIAS.COM.BR





Os desafios do agronegócio goiano

O Brasil é hoje o maior exportador de produtos alimentícios industrializados do mundo. Seu campo é fértil e sua indústria tem tecnologia. Isso já seria uma ótima notícia.

Mas nesse caminho ainda há muitos espinhos e nós a serem desatados.

Inserido nesse contexto com representatividade e relevância, Goiás deixou há tempos a referência de Estado agropastoril, impactado nas adversidades e no baixo valor agregado da economia primária, para saltar ao papel de um autêntico Estado da agroindústria. Por isso, precisa enxergar adiante e colocar ousadia nas suas ações.

O primeiro passo é dar robustez a uma política econômica de agregação de valores, buscando com a avidez necessária a industrialização das commodities agrícolas, caminho esse que já estamos fazendo com rapidez. Mas esse enfoque não basta como meta. São muitos os gargalos pelo caminho e, antes de mais nada, temos de trabalhar para mitigá-los um a um.

Um dos entraves está na alta carga tributária, esta, de resto, a mazela que assola a produção nacional. Segundo informações da Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (ABIA), repassadas pelo seu presidente durante o Fórum Brasileiro da Indústria de Alimentos, evento do LIDE realizado em abril em Goiânia, chegamos a ter incríveis 28% de carga tributária média na indústria de alimentos e, se isso não bastasse, há 1.387.000 normas tributárias para entender – e você não leu errado, é milhão mesmo. Estima-se que de 10% a 15% do custo do nosso produto seja gasto com a estrutura de pessoal que se faz necessária para dar conta de tamanha burocracia. Nas palavras do competente ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues, uma barbaridade!

Temos de agregar valor, pegar a soja, por exemplo, e exportar o óleo engarrafado, mas fica difícil industrializar com tamanha complexidade, Acredito que por

“SE, DE CERTA FORMA, AVANÇA O CONCEITO DE QUE NÃO SOMOS MAIS UM ESTADO SOMENTE EXPORTADOR DE COMMODITIES, PRECISAMOS DE AÇÕES CONCRETAS PARA QUE ESSA OPINIÃO SE FORTALEÇA E SE AFIRME, PARA DESSE NOVO PATAMAR CONTINUARMOS NOSSA OFENSIVA DE NATUREZA ESTRATÉGICA”

ANDRÉ LAVOR

Presidente do Conselho Temático do Agronegócio e do Sindicato (licenciado)

isso as exportações de commodities só crescem, pois talvez seja melhor mesmo colocar no caminhão e deixar os chineses envasarem. É mais prático, mas com certeza não é o melhor caminho a seguir.

Como entidade representativa da indústria, temos de atuar proativamente, desatando esses nós. Um dos caminhos é a persistência na luta em defesa dos incentivos fiscais, para com eles atrairmos mais indústrias para Goiás, e com isso avançarmos na impositiva política de agregar valor à nossa produção. Nosso Estado ainda pode se sentir privilegiado, pois tem um ambiente governamental que trabalha junto com a iniciativa privada, pelo menos na esfera estadual e na nossa representação no Congresso Nacional.

O 2º Fórum Brasileiro da Indústria de Alimentos produziu a “Carta de Goiânia”, um documento a ser entregue nas mãos dos candidatos a presidente nas eleições que se aproximam. Ela reflete os anseios do setor e esperamos que, no Fórum de Alimentos do próximo ano, em Goiás já tenhamos evoluído e que nosso Estado, que cresce seu PIB em índices chineses, possa seguir no caminho certo e que nossos governantes continuem acreditando no setor industrial, que gera divisas e milhares de empregos, e que ele se mantenha sendo a locomotiva do crescimento do Centro-Oeste brasileiro.

PARCERIA PARA INOVAÇÃO E COMPETITIVIDADE



■ *Scraper fabricado pela Tractorgyn: equipamento inédito no mercado brasileiro sai mais barato que o similar importado. No detalhe, a logomarca Senai*

Inédito no mercado nacional, equipamento desenvolvido pela Tractorgyn, em parceria com o Senai, tem baixo custo e alta produtividade

Andelaide Lima

Fabricante de máquinas para as áreas de construção, mineração e agroindústria, a Tractorgyn coloca no mercado um novo produto de sua linha: um scraper de arraste para tração em tratores agrícolas, que substitui o uso de escavadeiras e pás-carregadeiras em aberturas de estradas, construção de represas e nivelamento de terrenos. Inédito no País, o equipamento foi desenvolvido no âmbito do Edital Senai Sesi de Inovação 2012, abrangendo apoio financeiro e tecnológico.

Gestor de projetos da Faculdade de Tecnologia Senai Ítalo Bologna, de Goiânia, Artur de Sousa Jorge explica que, no Brasil, são fabricados scrapers com capacidade de até 5 metros cúbicos de armazenamento de terra, de baixa produtividade e engatados em tratores. Todos os equipamentos acima dessa capacidade são importados e construídos junto com o trator, que fica impossibilitado de realizar outra atividade. Chama-

das de motoscrapers, essas máquinas são caras e têm alto custo de manutenção.

“Com o crescimento do comércio de tratores agrícolas de alta potência, a Tractorgyn entendeu como oportunidade a fabricação de um scraper de alta capacidade que possa ser tracionado por esses tratores. Assim, o trator adquirido não ficará restrito às atividades que um scraper pode desempenhar”, explica o gestor.

MENOR (MUITO) MENOR



R\$ 250mil

é o valor do scraper da Tractorgyn



R\$ 460mil

custa o similar importado



R\$ 210mil

é a economia feita



“SEM O APOIO TECNOLÓGICO E FINANCEIRO DO SENAI, O PROJETO NUNCA SAIRIA DO PAPEL”

MARLON BECKER,
Diretor da Tractorgyn

Empresário destaca apoio tecnológico

Diretor da Tractorgyn, Marlon Becker aponta vantagem na aquisição do scraper fabricado pela empresa em razão de menor custo em relação ao similar importado. Outro ganho no caso do produto nacional é a rápida reposição de peças danificadas. “No caso do equipamento importado, essa reposição demoraria cerca de 30 dias, entre o pedido e a chegada das peças ao Brasil”, explica.

Animado com as perspectivas de bons negócios, o empresário destaca a importância da parceria com o Senai. “O edital de inovação é uma excelente iniciativa para auxiliar as indústrias no desenvolvimento de produtos. Esta-

mos empolgados com as possibilidades de comercialização do equipamento, que tem alta demanda no mercado. Com o novo scraper também vamos poder competir com as empresas do Sul e Sudeste, líderes no segmento de metalmecânica”, planeja.

Supervisor técnico da Tractorgyn, Emerson Costa da Cunha explica que as construtoras também podem usar o scraper para fazer rodovias e aterros. “O equipamento que projetamos atende outros segmentos industriais, além de realizar o mesmo trabalho do similar importado, com menor custo e maior produtividade”, observa.

NOVOS MERCADOS

Presente ao lançamento do novo equipamento da Tractorgyn, realizado em março, o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Pedro Alves de Oliveira, ressaltou que as empresas ao investir em pesquisa agregam valor aos seus produtos e se tornam mais competitivas. “A inovação é importante porque permite que a indústria acesse novos mercados, aumente suas receitas, realize novas parcerias e aumente o valor de suas marcas”, disse.



Pedro Alves: inovação permite que indústria acesse novos mercados, aumente receitas, realize novas parcerias e aumente o valor de suas marcas

EDITAL INCENTIVA PESQUISAS INOVADORAS

Com recursos que chegam a R\$ 30,5 milhões, está aberta a temporada para que empresas de todo o País possam concorrer a financiamento do Edital Senai Sesi de Inovação 2014, destinado ao desenvolvimento de pesquisas de produtos e

processos industriais e de inovação social. As inscrições podem ser feitas até 15 de fevereiro de 2015. Também poderão participar startups – empresas recém-criadas ou ainda em fase de constituição, que contam com projetos promissores, ligados à pesquisa, investigação e desenvolvimento de ideias inovadoras. A equipe técnica do Sesi e Senai pode

ajudar na elaboração das propostas e no preenchimento do projeto. Mais informações na Gerência de Tecnologia e Inovação do Senai Goiás, com Tatiane Mota – telefone (62) 3219-1429, na Coordenação de Atividades Fim, com Cleonice Maria da Silva – telefone (62) 3219-1392 ou pelo site www.editaldeinovacao.com.br.

SOB O DOMÍNIO DA ROBÓTICA

Aulas de robótica despertam interesse de alunos para áreas mais carentes de mão de obra na indústria, como engenharia, física e matemática

Edilaine Pazini

Visto por muitas crianças como um simples brinquedo de peças que se encaixam, dentro das salas de aula das Escolas Sesi Goiás, o Lego se transforma em robôs capazes de realizar tarefas programadas. Aulas de robótica que utilizam essa metodologia, além do aumento do raciocínio lógico, despertam o interesse de alunos para áreas mais afetadas pelo déficit de mão de obra qualificada na indústria goiana, como engenharia, física e matemática.

Aluna do 2º ano do Ensino Médio da Escola Sesi Campinas, em Goiânia, Rafaela Paula Honorato, 16 anos, sempre sonhara se formar na área de humanas, em cursos como direito ou psicologia. Após ingressar nas aulas de educação tecnológica, por meio da metodologia Lego, a área de exatas passou a fazer parte das escolhas de Rafaela. “O projeto ajudou muito a expandir minha área de conhecimento e hoje penso em fazer engenharia”, conta.

Já Lucas Kepler Maia Duque, de 17 anos, desde cedo pensou na engenharia civil como primeira opção para a universidade. Com a nova metodologia, o aluno do 3º ano da Escola Sesi Campinas quer antecipar as coisas ao buscar qualificação por meio de um curso técnico em mecatrônica do Senai. Ele também já planeja um intercâmbio pela universidade que deseja cursar engenharia.



■ Lucas Maia Duque e Rafaela Paula Honorato: empolgados com a possibilidade de trabalhar com tecnologia

RECEITA CONTRA ESCASSEZ

Rafaela e Lucas são exemplos de estudantes que podem suprir em um futuro próximo a escassez de mão de obra qualificada nas indústrias goianas, que ainda é um gargalo para a economia, como mostra pesquisa recente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg). De acordo com o levantamento realizado em 2013, 65% das empresas goianas apontam a falta de trabalhador qualificado como um problema. Na pesquisa Sondagem Industrial Especial, da Fieg, 67,24% informaram déficit de contratação de profissionais com qualificação de nível mais elevado, como engenheiros.



■ *Ednaldo Oliveira: “Ao criar e programar um robô, os alunos também trabalham conceitos tecnológicos e o raciocínio lógico”*

Oliveira conta como o desenvolvimento escolar das crianças se tornou mais rápido com as aulas de robótica. “Antes eles tinham uma dependência muito grande da calculadora, que agora já não se vê mais”, afirma. Outra mudança de comportamento, segundo o professor, foi a maior vontade de ir para a escola. “Eles querem vir até no contraturno tirar dúvidas”, diz.

Para o professor, é um novo desafio a cada capítulo avançado do livro didático. Ele acrescenta que, após passar o conteúdo da apostila, os alunos extrapolam, principalmente em programação, desenvolvendo o tema mais do que o esperado. “Assim eu preciso sempre me atualizar para não deixar a desejar durante as aulas”, afirma.

Melhora do raciocínio lógico

Blocos, motor, engrenagens, sensores e controladores. Aos poucos, as peças de Lego vão dando vida a projetos que colocam em prática os conceitos teóricos trabalhados em outras disciplinas dentro das salas de aula,

como física e matemática. “Ao criar e programar um robô, os alunos também trabalham conceitos tecnológicos e o raciocínio lógico”, resalta Ednaldo da Costa Oliveira, professor de robótica na Escola Sesi Campinas.

Goianos no Festival Internacional de Robótica

Um sensor ultrassônico que detecta rachaduras e identifica ameaça de terremotos, desenvolvido por alunos do Sesi Vila Canaã, em Goiânia, está entre os projetos que irão participar do Festival Internacional de Robótica First Lego League (FLL), programado para setembro, em Belo Horizonte. O robô foi criado para competir na etapa nacional do Torneio de Robótica, que teve como tema “Fúria da Natureza”, em que os alunos resolvem problemas do mundo real, ao propor soluções inovadoras para prevenir desastres naturais como tornados, ciclones, avalanches, tempestades, terremotos, tsunamis, enchentes e deslizamentos de terra.



■ *Amós, Maria Júlia e Marcela, alunos do Sesi Vila Canaã: trabalho estimula desejo de formação em engenharia, física e matemática*

Eles planejam, projetam, constroem e programam robôs com a tecnologia Lego Mindstorms.

Os criadores, da equipe Sesi Canaã Robots, é só animação para a competição. “Não vamos para ganhar, mas

vamos para tentar, usando o que aprendemos na etapa nacional para melhorar nosso projeto até lá”, afirma o aluno do 8º ano e integrante da equipe da Escola Sesi Vila Canaã Amós Messias Mendes, de 13 anos.



■ Amós Messias Mendes: "Vamos para tentar, usando o que aprendemos na etapa nacional para melhorar nosso projeto até lá"

Apaixonado por informática desde muito pequeno e sonhando com mecatrônica na carreira, Messias faz parte da chamada geração Geeks, contagiados pela tecnologia. Para ele, hoje não só os jovens estão mais interessados por tecnologias, como também a tecnologia está mais ao alcance dos jovens nos dias atuais, o que facilita toda essa mudança de comportamento.

SENSORES ULTRASSÔNICOS

O professor de robótica da Escola Sesi Vila Canaã, José Nazaré Rodrigues Barros Júnior, explica que o objetivo do projeto é instalar sensores ultrassônicos no interior de paredes e colunas a fim de detectar rachaduras causadas por terremotos. "A função do sensor ultrassônico é informar o grau de afastamento ou movimentação de estruturas físicas. A rede de sensores que será instalada no interior das estruturas fornecerá um diagnóstico completo para um centro de processamento de dados que por sua vez enviará alertas sonoras e visuais para as pessoas indicando um local seguro", conta. Para etapa internacional, o professor adianta que será implantado no projeto um sistema de alerta, via torpedo SMS, com o objetivo de orientar o maior número de pessoas possíveis de forma simples e barata.

Mudança de planos

O que começou como uma diversão para as alunas Marcela Costa de Almeida Silva, de 14 anos, e Maria Júlia Costa e Silva, de 13, acabou sendo fator decisivo para mudanças nos planos de carreira das duas. Marcela pensava em ser médica e Maria Júlia, bióloga. Após meses de aulas de robótica, construindo e desenvolvendo tecnologia, as estudantes do 9º ano da Escola Sesi Vila Canaã agora sonham em ser engenheiras. "No mercado atual as pessoas são estimuladas pelo interesse econômico e isso não é legal. O bom profissional é aquele que gosta do que faz", afirma Marcela.

As alunas, também integrantes da equipe Sesi Canaã Robots, contam que inicialmente os robôs construídos



■ Marcela Costa de Almeida Silva: "É a concretização de um desafio, você mesmo cria e consegue desenvolver aquilo"

serviam para diversão, apelidada pelos alunos de Robô Sumô. Após criar o aparelho com peças de Lego, os alunos colocavam os equipamentos para lutar. "É a concretização de um desafio, você

mesmo cria e consegue desenvolver aquilo", diz Marcela. Hoje, após ter sua equipe selecionada para o Festival Internacional de Robótica, ela conta que enxerga a robótica como profissão.



INOVA TALENTOS, ESTÍMULO À COMPETITIVIDADE

■ *Thierry Conroi, da Brasil Vital: empresário francês encontrou em Anápolis espaço ideal para o cultivo da microalga*

Programa idealizado pelo IEL e CNPq tem como meta estimular a inovação e ampliar a competitividade. Em Goiás, empresa anapolina é contemplada na primeira edição

Célia Oliveira (texto e fotos)

Em um país onde menos de 27% dos cientistas atualmente trabalham em projetos ligados a empresas, diante de 80% nos Estados Unidos e 77% na Coreia do Sul e onde o total de investimentos privados em Pesquisa, Desenvolvimento & Inovação (PD&I) corresponde a 0,55% do PIB, diante de 1,87% pelos americanos e 2,45% pelo tigre asiático, segundo dados da Pesquisa de Inovação Tecnológica (Pintec), coletados pelo IBGE, o Programa Inova Talentos chega como uma opção a mais para enfrentar essas disparidades.

Resultante de parceria entre o Instituto Eivaldo Lodi (IEL) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a iniciativa, sustentada no tripé estímulo, competitividade e diversificação, tem como desafio ampliar o quadro de

profissionais qualificados em atividades de inovação, ao potencializar o processo de PD&I, por meio de um conjunto de ações estratégicas.

Em todo o País, o programa vai oferecer, até 2015, mil bolsas para que estudantes do último ano da graduação, recém-formados e mestrandos (com até três anos de conclusão) possam desenvolver inovações nas empresas brasileiras.

Em Goiás, uma empresa de Anápolis teve projeto incluído entre os 179 selecionados em 20 Estados na primeira chamada nacional de projetos do Inova Talentos.

INFORMAÇÃO QUALIFICADA

Integrante da agenda da Mobilização Empresarial pela Inovação, coordenada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), a parceria apoiará a formação de profissionais e propiciará às empresas mecanismos e informações para se tornarem cada vez mais inovadoras, como destacaram os presidentes da CNI, Robson de Andrade, e do CNPq, Glaucius Oliva, durante a assinatura do convênio, no final de 2013.

Empresas e estudantes. Todos ganham

“Com o Inova Talentos, as empresas ganharão com recursos humanos qualificados e os bolsistas têm a oportunidade de iniciar uma vivência científica no ambiente profissional”, explica o superintendente do IEL Goiás, Humberto de Oliveira. Ele observa que a economia globalizada mudou, num curto espaço de tempo, a ordem econômica no mundo, o que não é diferente em Goiás. “Vivemos com desafios e oportunidades nesse novo ambiente, portanto, é

imperativo responder com mais eficácia às demandas do cenário, moldando o futuro de nosso setor produtivo.”

A assessoria do IEL no Estado dará aos participantes, durante os 12 meses de treinamento supervisionado, capacitações que visam ao desenvolvimento e à exploração de competências comportamentais, gerenciais e técnicas.

SERVIÇO

Mais informações sobre o Programa Inova Talentos podem ser obtidas no site no www.inovatalentos.com.br. A data final para 2ª chamada de projetos é 13 de junho de 2014.



■ Humberto Oliveira: Inova Talentos oferece oportunidade de iniciar vivência científica em ambiente profissional

Empresa goiana contemplada

Produtora de um insumo específico empregado na fabricação de suplementos alimentares e na linha cosmética, a Brasil Vital, instalada em Anápolis, comemora a inclusão de seu projeto inovador entre 179 trabalhos selecionados em 20 Estados na primeira chamada nacional de projetos do Inova Talentos, cujo resultado foi divulgado no início do ano. A indústria encontrou no Centro-Oeste do País e em Goiás as condições favoráveis para o cultivo da spirulina, uma microalga microscópica, denominada cianobactéria, com alto poder de fotossíntese e grande fonte de nutrientes.

“O Brasil tem clima privilegiado para o cultivo da spirulina. Temperatura, luminosidade, pouca poluição, condições de secagem e espaço”, enumera Thierry Conroi, francês, sócio-proprietário da Brasil Vital.

Com formação em agronomia e especialização em biotecnologia,

Thierry deixou a França e vive no Brasil há cerca de 20 anos. Em Anápolis, se dedica ao cultivo da cianobactéria, em um sítio longe do urbanismo e encravado numa região plana, onde o sol e o espaço beneficiam a produção de 50 quilos/mês de spirulina, em quatro tanques de cultura, protegidos debaixo

de estufas. Na área do sítio, mais três tanques estão em construção. A Brasil Vital é a única produtora desse insumo no Centro-Oeste, segundo ele.

■ Tanques para a produção de spirulina: única produtora no Centro-Oeste, empresa investe em inovação e na expansão de seu negócio



Inovar para conquistar mercado

O empresário Thierry Conroi conta que essa foi a primeira vez que inscreveu a empresa em projetos de inovação e que isso significa uma nova fase. “Vislumbro parcerias com instituições de qualidade para resolver pontos de dificuldades que tenho aqui, como o tecnológico e melhorias na área de secagem”, afirma Thierry, acrescentando que busca, também, novas possibilidades de aplicação da spirulina. “Vamos inovar, porque a cianobactéria é um micro-organismo de uso nos setores alimentício e cosmético. Espero, ainda, poder chegar ao enriquecimento mineral ou aromático e definir possibilidades do ponto de vista mercadológico.”



■ Spirulina: filamento mede apenas 0,3mm e concentra alto teor nutricional

O projeto da Brasil Vital conta com a participação da Escola Senai Vila Canaã, de Goiânia, que será parceira da empresa no desenvolvimento de estudos laboratoriais de aplicação da Spirulina, bem como na criação de novos produtos. A equipe é formada por duas engenheiras de alimentos do Senai e tem coordenação do IEL Goiás, responsável pela seleção e pelo acompanhamento do aluno bolsista, que já está em operação, vivendo a oportunidade de dar os primeiros passos no ambiente profissional e no mundo da inovação.

Inovação está em queda no Brasil

De acordo com a última Pesquisa Industrial de Inovação Tecnológica (Pintec), realizada em 2011 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a proporção de indústrias que introduziram pelo menos um produto ou processo inovador caiu de 38,1% em 2008 para 35,6% em 2011. O resultado é reflexo tanto da crise econômica que afetou o mundo inteiro quanto do excesso de burocracia para empreender e da falta de capilaridade dos investimentos e subvenções para inovação tecnológica. Esse cenário reflete o modesto índice de inovação registrado no Brasil, apesar de a pesquisa mostrar aumento no número de empresários que afirmam ter incrementado gastos em atividades internas de pesquisa e

desenvolvimento – de 24,5% em 2008 para 29,8% em 2011.

“Somam-se ao declínio, a burocracia, as dificuldades de acessar os editais das agências de fomento à inovação, pessoal qualificado, o baixo número de doutores e mestres/cientistas nas empresas para trabalhar com inovação, sobretudo nas empresas de médio e pequeno porte”, explica Nelson Aníbal, gestor do Núcleo de Inovação Goiás, da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg). Ele aponta, ainda, o fato de as empresas, em momento de crise econômica, deixar em segundo plano três importantes fatores que pesam na decisão por inovação: exigência dos clientes por novos produtos ou produtos melhorados, pressão para aumento

O QUE É A SPIRULINA E SEU USO

A spirulina é uma microalga encontrada nos lagos alcalinos das regiões tropicais. Não visível a olho nu, ela se apresenta como um filamento de células em forma de espiral. É composta principalmente de proteínas, vitaminas e minerais.

Os benefícios são numerosos, devido ao alto teor nutricional, enriquecendo de maneira geral a alimentação e melhorando a vitalidade. A Spirulina pode ser adicionada a sucos, iogurtes, favorecendo ganho de energia pelo organismo humano, sobretudo em períodos de estresse e carência nutricional, além de provocar a saciedade e fortalecer o sistema imune.



■ Cianobactéria processada: suplemento alimentar contém proteínas, ferro, vitaminas e substâncias antioxidantes

da competitividade (melhoria de processos) e maior participação no mercado para concentrar esforços na redução de preços.

“Depois do funcionamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg) e dos editais do Tecnova, tivemos alguns anos importantes, nos quais esses projetos impulsionaram o quesito inovação, mas isso ainda é insuficiente. Novos editais são necessários”, diz Aníbal.

UMA ECONOMIA SOBRE TRILHOS

■ Trilhos assentados: trecho da Norte-Sul entre Palmas e Anápolis ainda sem data definida para início das operações

Início das operações da Ferrovia Norte-Sul deverá representar para Goiás abertura de novo ciclo econômico, diante dos ganhos logísticos esperados

Lauro Veiga Filho

A chegada dos primeiros trilhos a Goiás, ainda no início do século passado, contribuiu para impulsionar a economia estadual, com efeitos especialmente concentrados no Sudeste goiano, que passou a desempenhar o papel de polo econômico regional, ocupando espaço antes dominado pela região do Triângulo Mineiro. O início das operações da Ferrovia Norte-Sul (FNS) deverá trazer impactos bem mais expressivos para o Estado, criando condições para salto de competitividade via barateamento dos custos logísticos, o que ajudará a dinamizar a atividade econômica, atraindo ainda novos investimentos, segundo expectativa de especialistas, compartilhada pelo presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira.

O PRIMEIRO PASSO

Cumprindo trajeto de 855 quilômetros, pela primeira vez desde o início da construção da ferrovia, uma composição com 22 vagões, carregados com 4.125 dormentes de concreto, num total aproximado de 2 mil toneladas, deixou Palmas (Tocantins) no dia 9 de fevereiro deste ano e atingiu Anápolis no dia 13. O material foi utilizado na instalação do Pátio Multimodal de Anápolis, contribuindo para acelerar as obras. Na primeira etapa do trecho sul da ferrovia, estão previstos, além daquele pátio, terminais multimodais nas cidades goianas de Porangatu, Uruaçu, Santa Isabel e Jaraguá.

Apelo à Dilma

O presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, sustenta que a entrada em funcionamento da FNS beneficiará, econômica e socialmente, nada menos do que nove Estados além de Goiás, incluindo Pará, Maranhão, Tocantins, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. “Depois da Ferrovia Norte-Sul, surgirá um Brasil maior ainda do que o resultante da Rodovia Belém-Brasília, um dos marcos de uma época quando o Brasil crescia 50 anos em cinco”, ressalta ele.

A importância da ferrovia, acrescenta Pedro Alves, pode ser equiparada à construção de Brasília pelo presidente Juscelino Kubitschek no final dos anos 1950, abrindo espaço para “uma nova era de trabalho, riqueza e desenvolvimento”. Além de estimular a expansão do crescimento do Centro-Oeste, aponta o presidente da Fieg, a ferrovia criará condições para que os produtos locais cheguem aos portos “dotados de competitividade” para competir “nos maiores mercados consumidores do mundo”. Em ofícios encaminhados em julho do ano passado e em abril deste ano, Pedro Alves reiterou o apelo do setor industrial goiano diretamente à presidente Dilma Rousseff pela rápida conclusão da FNS.

Estratégico e mais barato

Na história mundial, não há nação, região ou economia que tenha obtido êxito no mercado “sem que a produção fosse transportada de modo que o produto competitivamente chegasse ao mercado comprador”, afirma Délio Moreira de Araújo, doutor em economia dos transportes, pesquisador do Centro de Pesquisas Econômicas da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO) e consultor em transportes e mercado.

“Daí que o transporte, sua qualidade e seu custo influenciam grandemente na formação dos preços dos produtos movimentados para alcançar os respectivos mercados”, acrescenta o especialista. O custo do frete, neste sentido, assume dimensões estratégicas para definir a capacidade de competir por mercados. E, “incontestavelmente”, o frete ferroviário tem se mostrado mais competitivo que o rodoviário. “Nas rotas de comércio servidas simultaneamente por rodovias e ferrovias, o frete ferroviário tende a ser bastante inferior ao frete rodoviário”, acrescenta Moreira, lembrando que essa tem sido a realidade em “todas as nações sócias do Banco Mundial”.



■ *Custo logístico: competitividade está relacionada à capacidade de transportar cargas de forma mais barata e eficiente*

Parceria público-privada

O governo do Estado já autorizou a liberação de R\$ 9 milhões para a realização de convênios com o setor privado, sob liderança das federações da indústria (Fieg) e da agricultura e pecuária (Faeg), com o objetivo de desenvolver estudos de viabilidade técnica, econômica e ambiental para a construção de dois novos ramais ferroviários. O primeiro interligará a FNS à Ferronorte, ▶



■ *Ferronorte em Mato Grosso: projeto prevê conexão com a Norte-Sul com novo ramal saindo do sudoeste goiano rumo a Alto Araguaia*

partindo do terminal a ser construído nos limites de Rio Verde e Santa Helena, em Goiás, até Alto Araguaia. O segundo, num prolongamento da Ferrovia de Integração Centro-Oeste (Fico),

partiria de Uruaçú e Campinorte (GO) rumo a Correntina (BA), contornando Serra da Mesa, adianta Rafael Lousa, superintendente executivo da Secretaria de Indústria e Comércio.

O custo restante dos projetos, que exigirá no total o desembolso de R\$ 11,2 milhões, será bancado pela iniciativa privada. Quando concluídos, os projetos serão entregues à Empresa de Planejamento e Logística (EPL), à Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), Valec e ao Ministério dos Transportes para inclusão no Programa de Investimentos em Logística (PIL). A Fieg solicitou ainda ao governo, por meio da SIC, a constituição de parceria para realização de estudos de viabilidade para a construção da plataforma de transbordo de cargas em Goianira, na Região Metropolitana de Goiânia, numa articulação que envolve ainda a prefeitura do município.

Novo modelo logístico, mais eficiente

A FNS vai promover a ligação ferroviária de praticamente todo o Estado com as regiões Sudeste e Norte e, a partir dessas, com o Sul e o Nordeste brasileiros, interligando-se à malha de outras ferrovias. A avaliação é de Luiz Fernando Alves Ferreira, da Macrologística Consultoria, responsável pelos estudos que conduziram à formatação do projeto Centro-Oeste Competitivo, resultado de parceria entre a Confederação Nacional da Indústria (CNI) e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), com participação das federações estaduais do setor industrial, o que inclui a Fieg.

Desde o início efetivo de suas operações, portanto, complementa Ferreira, a ferrovia funcionará como “poten-

cial indutor do desenvolvimento e da integração da Região Norte de Goiás, atualmente ainda menos desenvolvida em aspectos gerais quando comparada com as regiões no entorno de Goiânia e Anápolis, assim como nas regiões Leste e Sul do Estado.”

A ferrovia apresentará ainda – continua o consultor – alternativas mais

competitivas para a movimentação de cargas no Estado, considerando-se os custos de transporte mais baixos, tanto para o mercado interno quanto para exportações. “Esse fato pode promover ganho de competitividade tanto para a indústria local quanto principalmente para as atividades agropecuárias, minerais e florestais”, aponta Ferreira.

Opções ao sul e ao norte

Quando estiver concluído, o trecho da ferrovia que ligará Anápolis a Panorama, no interior de São Paulo, permitirá conexão com a Malha Paulista da ALL Logística na altura de Estrela D’Oeste (SP), saindo dali em bitola larga até o porto de Santos. Os produtores de Rio Verde poderão, neste caso, escoar sua produção a custo 15% menor em comparação com a linha da Ferrovia Centro-Atlântica (FCA), que sai de Araguaçu rumo ao mesmo porto,

estima Luiz Fernando Alves Ferreira, da Macrologística.

A Norte-Sul possibilitará aos operadores logísticos escolher a melhor opção de embarque, se para o Norte do País ou para os portos do Sul.

Em direção ao Norte goiano, no entanto, a Norte-Sul depende ainda de uma série de intervenções para se mostrar um corredor logístico competitivo, pontua Ferreira. As exportações goianas de bens industriais

a partir da região de Anápolis, a ser diretamente atendida pela ferrovia, acentua o consultor, poderão ser escoadas pela ferrovia até o porto de São Luís (MA), no futuro, criando uma saída a mais para a produção regional.

Entre outros pontos, relembra Ferreira, atualmente o porto maranhense não possui “infraestrutura adequada

e eficiente para a movimentação de contêineres” e, adicionalmente, o custo logístico total da operação ainda seria 5% mais elevado do que o transporte por rodovia até o Porto de Santos e 35% mais caro frente ao preço a ser pago para levar a mesma carga pela FCA até o mesmo terminal portuário.



■ Pátio de manobras em Porto Nacional: saída para o Norte do País poderá se transformar, no futuro, em novas alternativa

ALTERNATIVA COMPETITIVA

A despeito de tudo, insiste Ferreira, a existência de uma alternativa logística nova para exportação “potencializa a eficiência do sistema logístico de Goiás”. Como fator adicional, a Norte-Sul “sempre será uma alternativa competitiva para as cargas movimentadas entre Goiás e o Norte do País.” Esse sistema logístico – acrescenta ele – “independe da utilização de Santos ou Paranaguá como portos marítimos, já com capacidades esgotadas e que representam elevados custos de demurrage em determinadas épocas do ano.

Informações estratégicas para o mercado agropecuário



Cotações de Bolsas, moedas, indicadores financeiros, índices, taxas de juros, sistema de análise gráfica, módulo de estratégias, estatísticas correntes, previsões climáticas, recursos para negociação eletrônica e muito mais.

Exclusivas análises, preços físicos e notícias em tempo real de Safras & Mercado, a consultoria líder do agronegócio brasileiro.

Solicite uma demonstração gratuita



www.safras.com.br
Tel.: (61) 3224-5552

Investimento adicional de R\$ 10,3 bi

Antes de se tornar completamente operacional, transformando-se num eixo logístico real de transporte de cargas, retoma Luiz Fernando Alves Ferreira, da Macrologística Consultoria, a Norte-Sul depende de intervenções em andamento ou ainda apenas planejadas. “A adequação, ampliação e modernização dos portos de São Luís e Santos são fundamentais para potencializar os benefícios econômicos da FNS”, aponta Ferreira.

A construção de desvios ferroviários em número suficiente para tornar eficiente e competitiva a movimentação de cargas e a instalação de terminais de transbordo e de seus acessos, “sem os quais não há como a carga local ser colocada na ferrovia”, são igualmente essenciais. Essas iniciativas “demandam períodos razoáveis para o desenvolvimento de projetos, levantamento

de recursos e efetiva implantação das obras”, o que poderá exigir períodos de até dois anos após a conclusão da via central da FNS.

O projeto Centro-Oeste Competitivo, relembra Ferreira, prioriza entre outros dois eixos de integração que giram em torno da FNS. O primeiro prevê a saída de cargas pelo porto de Vila do Conde, em Barcarena (PA), e o segundo, via Estrela D'Oeste até Santos, com investimentos residuais estimados, respectivamente, em R\$ 4,8 bilhões e R\$ 5,5 bilhões, somando R\$ 10,3 bilhões. O total inclui “diversos outros projetos de grande porte, como a melhoria da infraestrutura portuária de Santos e Vila do Conde, assim como a implantação dos novos trechos ferroviários entre Anápolis e Estrela d'Oeste, no sentido Santos, e Açailândia a Barcarena, no sentido Vila do Conde”.

Um corredor de desenvolvimento

A pista do aeroporto de cargas de Anápolis, parte integrante da Plataforma Logística Multimodal, em fase de implantação, deverá entrar em operação parcial em junho, num investimento estimado em R\$ 232 milhões, dos quais R\$ 140 milhões já realizados na conclusão de mais de 2 mil metros

dos 3,3 mil metros previstos. A pista terá dimensões necessárias para receber, segundo a Secretaria de Gestão e Planejamento de Goiás (Segplan), aeronaves do porte do Boeing 747-400, com capacidade para 400 toneladas de cargas cada.

Até o final do ano, o governo prevê relançar o edital de concessão da plataforma multimodal, central logística que integrará, em uma área de 600

E MAIS R\$ 664 MILHÕES

As obras complementares, considerando-se ainda os dois eixos em torno da FNS, envolvem também a implantação de terminais intermodais em Rio Verde e São Simão, a conclusão da Plataforma Logística Multimodal de Anápolis e do terminal de transbordo de Campinorte, que tem potencial para se tornar um ativo polo mineral-metálico, com exploração e processamento de níquel, cobre e bauxita. “Esses projetos mencionados demandam aproximadamente R\$ 664 milhões, porém, sabemos que para que a FNS atenda, de fato, a toda a economia de Goiás outros terminais deverão ser também necessários”, salienta Ferreira. Uma previsão que não inclui ainda os vários pátios de passagem que a Valec ainda terá de construir ao longo do traçado da ferrovia, “se é que estão sendo construídos e estarão concluídos na entrega dos trechos da Norte-Sul”.

hectares, os transportes rodoviário, ferroviário e aéreo, interligando-se ao Porto Seco Centro-Oeste, que opera no município há quase 15 anos, e ao Distrito Agroindustrial de Anápolis. O projeto de construção da plataforma, com conclusão prevista para 2019, num investimento de R\$ 574 milhões de acordo com o projeto Centro-Oeste Competitivo, prevê a criação de um corredor de desenvolvimento, que abrigará investimentos comerciais e industriais, especialmente na área de tecnologia da informação.

Recentemente, o governo estadual contratou a Deloitte para avaliar o potencial e possibilidades econômicas da plataforma, facilitando a atração de investidores.



■ *Aeroporto de cargas de Anápolis: parte da Plataforma Logística Multimodal, pista pode começar a receber aviões a partir de junho*

VERTENTE MINEIRA DO NEGÓCIO

Piracanjuba investe na expansão de suas unidades em Goiás e Santa Catarina e na construção de nova indústria em Governador Valadares



■ César Helou: capacidade instalada deverá aumentar de 3,1 milhões para 4,5 milhões de litros de leite por dia, num avanço de 45%

Mais tradicional empresa de laticínios do Estado, há quase 60 anos no mercado, o Laticínios Bela Vista, dono da marca Piracanjuba, depois de praticamente dobrar de tamanho nos últimos cinco anos, ensaia novos voos para ampliar seu negócio e modernizar sua operação, com expansão das unidades de Goiás e de Santa Catarina e a construção de mais uma fábrica – desta vez na região de Governador Valadares, em Minas Gerais, maior produtor de leite do País.

De acordo com César Helou, diretor comercial da Piracanjuba, a capacidade instalada deverá crescer de 3,1 milhões de litros de leite por dia para 4,5 milhões de litros, num aumento ligeiramente acima de 45%. A planta mineira deverá ser inaugurada no segundo semestre. Os investimentos incluirão, ainda, a construção de um centro administrativo em Goiânia e a instalação de um novo sistema de gestão empresarial, com arquitetura ERP, fornecido pela multinacional SAP. “Isso vai nos dar condições de continuar crescendo e lançando mais produtos inovadores no mercado”, afirma.

Com faturamento superior a R\$ 1,7 bilhão em

2013 e 1,5 mil empregos diretos gerados em toda sua operação, a Piracanjuba vem crescendo, em média, mais de 30% ao ano nos últimos dez anos, ressalta Helou. “O que mais contribuíram para esse sucesso foi a distribuição nacional de todo o mix de produtos Piracanjuba, sua qualidade e as inovações incorporadas ao longo do tempo”, acrescenta ainda.

Helou lembra, num exemplo, que a Piracanjuba foi pioneira no mercado ao lançar produtos mais nutritivos, como a bebida láctea com cereais, leite para pessoas com intolerância à lactose e queijos em porções individuais, “proporcionando qualidade e praticidade aos seus consumidores”. Seu portfólio já inclui mais de 90 produtos com as marcas Piracanjuba e Pirakids.

Depois de aumentar sua captação de leite em 31% em 2013 e elevar o faturamento em 59%, sempre em relação ao ano imediatamente anterior, a Piracanjuba projeta crescer mais 24% em produção e 34% em faturamento neste ano. Além das operações no mercado brasileiro, cita Helou, a empresa está atenta aos movimentos no mercado internacional “para não perdermos oportunidades de crescer fora do Brasil também”.

MAIS ENERGIA? APENAS EM 2015...

Sindcel e Coinfra cobram urgência na conclusão da transferência do controle da Celg D para a Eletrobras e mais investimentos no setor

Ainda que o governo estadual e a Eletrobras concluem a transferência de 51% das ações da Celg Distribuição (Celg D) para a estatal federal do setor elétrico, consolidando a troca no controle da distribuidora goiana ainda neste semestre, conforme esperado, a situação no setor energético em Goiás somente deverá registrar melhorias a partir do próximo ano, quase cinco anos depois de iniciadas as negociações entre o Estado e a União para saneamento da distribuidora.

“O mais importante, neste momento, é contribuir para que a assinatura do acordo final, que concluirá o processo de trans-

■ *Setor elétrico: área de distribuição em Goiás não tem recebido investimentos suficientes para preservar a confiabilidade do sistema*

ferência do controle da Celg D, ocorra o mais rápido possível. Esta é a condição sine qua non para que a estatal volte a prestar um serviço de qualidade”, avalia Célio Eustáquio de Moura, presidente do Sindicato da Indústria da Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia no Estado de Goiás (Sindcel).

Mesmo depois de concluída essa operação, prossegue Eustáquio, será ainda necessário aguardar algum tempo para que os investimentos previstos pela concessionária “se revertam em melhorias, de forma a assegurar qualidade e confiabilidade ao fornecimento de energia”. ▶

Na avaliação de Eustáquio, esses investimentos devem ser direcionados principalmente à estruturação do sistema elétrico, envolvendo a construção de novas linhas, a instalação de mais subestações, “juntamente com a implementação de melhorias no sistema de distribuição urbana, com a substituição de cabos recozidos e desmembramento de circuitos”. Além de trazer maior qualidade ao serviço e a confiabilidade demandada pelo Estado e, em particular, pela indústria, esse tipo de investimento ajudaria ainda a reduzir a necessidade de manutenção, com ganhos operacionais para a própria Celg D.



■ *Célio Eustáquio de Oliveira:*
“A assinatura do acordo é condição sine qua non para que a empresa volte a prestar um serviço de qualidade”

Cenário agrava-se desde 2010

“A Celg não presta um bom serviço porque não tem feito os investimentos necessários em sua área técnica e precisaria destinar mais de R\$ 1 bilhão para suas diversas áreas, cobrindo todo o sistema, incluindo sua rede de distribuição, subestações e manutenção”, sentencia o presidente do Conselho Temático de Infraestrutura (Coinfra) da Fieg, Célio de Oliveira. Para ele, os



■ *Célio de Oliveira:* A Celg “precisaria destinar mais de R\$ 1 bilhão para suas diversas áreas, cobrindo todo o sistema”

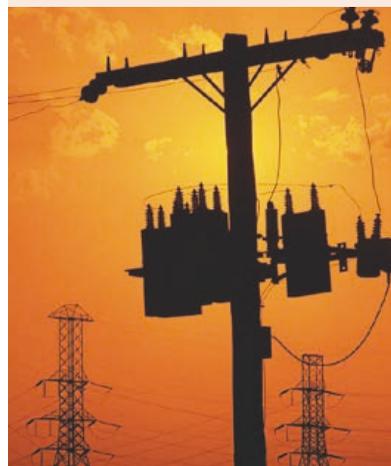
problemas gerados pelas deficiências no suprimento de energia, incapaz de atender ao crescimento da demanda, “só vêm se agravando desde 2010”.

Oliveira também insiste na urgência da conclusão do acordo com a Eletrobras, mas tem dúvidas quanto aos prazos para a conclusão do processo. “Há uma possibilidade nada remota de que o acerto final saia apenas em 2015, o que adiaria a normalização da oferta (de energia) para 2016 ou 2017”, projeta. “Não vamos ficar sem energia, mas não teremos um serviço de qualidade até lá”, reforça.

Numa avaliação mais otimista, Oliveira entende que as perspectivas poderiam ser mais positivas se a Celg D conseguisse investir em torno de R\$ 500 milhões ainda neste ano. “Isso já melhora a situação, mas sem um investimento mais robusto, o cenário tende a se agravar a partir de julho, quando a empresa iniciará a amortização dos empréstimos contratados para sanear seu balanço.”

UMA VISÃO CRÍTICA POSITIVA

“Esta é uma abordagem positiva da questão, baseada numa visão crítica propositiva, porque o problema da Celg D, claramente, não é de gestão, mas de falta de capacidade financeira para realizar os investimentos que precisam ser feitos para aumentar a oferta de energia e melhorar a qualidade do serviço, o que significa manter a tensão correta, e sua confiabilidade, sem interrupções e nem flutuações de tensão”, reforça o presidente do Sindcel. Para Célio Eustáquio de Moura, os recursos devem ser investidos levando-se em conta os pontos mais críticos, principalmente onde a demanda já se encontra bem próxima do limite. “A Celg atualmente tem capacidade limitada para entregar energia a novos empreendimentos, assim como para projetos de expansão de empresas”, acentua ele.





Previsão a confirmar: estatal precisa investir R\$ 450 milhões neste ano, incluindo também setor de subestações em áreas urbanas

Atrasos prolongam agonia da empresa

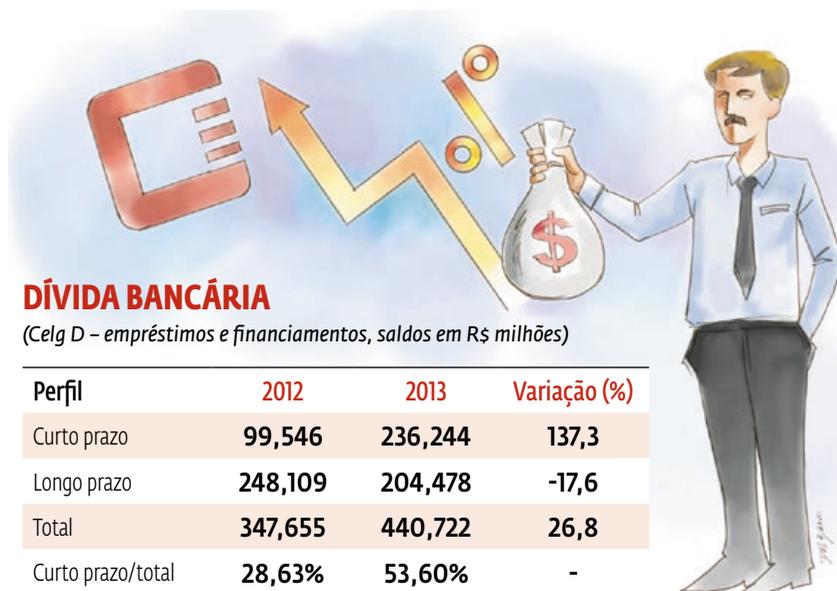
A cada atraso na conclusão da operação de salvamento da Celg D prolonga-se a agonia da empresa, que volta a registrar crescimento no passivo bancário de curto prazo mesmo depois da injeção de R\$ 3,527 bilhões entre o final de 2011 e dezembro de 2012 e dos aumentos de tarifa aprovados nos últimos dois anos, após seis anos sem reajustes. A programação estabelecida em janeiro deste ano entre a Eletrobras e o governo goiano, que ainda mantém participação majoritária no capital da concessionária estadual, previa a assinatura do contrato de compra e venda das ações que dão direito ao controle da empresa no dia 6 de junho, com o acerto final sobre o valor dessa participação marcado para 7 de abril, o que não ocorreu e deverá retardar a solução final para o caso.

Em princípio, o plano de investimentos aprovado pela diretoria estabelece a aplicação de alguma coisa ao redor de R\$ 450 milhões ainda neste ano, dos quais R\$ 270,7 milhões deverão ser financiados por um novo empréstimo, cuja contratação está condicionada à transferência definitiva do controle

para a Eletrobras, no valor de R\$ 1,9 bilhão, destinado a equacionar o patrimônio líquido negativo e sustentar os investimentos necessários.

O minguido lucro de R\$ 665 mil realizado em 2013 não expressa integralmente a situação financeira e contábil da companhia, que continuava ostentando um patrimônio líquido negativo pouco abaixo de R\$ 1,030 bilhão, praticamente o mesmo valor anotado

em dezembro de 2012. Mas o passivo circulante a descoberto mais do que triplicou na mesma comparação, saltando de R\$ 267,854 milhões para R\$ 894,571 milhões, com alta ainda de 137,3% para os empréstimos e financiamentos de curto prazo (de R\$ 99,546 milhões para R\$ 236,244 milhões, passando a representar 53,6% de toda a dívida bancária da empresa).



Fonte: Demonstração financeira anual da Celg Distribuição

“Peso” do passivo circulante avança para 53%

A dívida geral da Celg D, de fato, chegou a recuar ligeiramente no ano passado, para R\$ 4,540 bilhões, saindo de R\$ 4,646 bilhões em dezembro de 2012. Mas o perfil desse endividamento agravou-se, com aumento de 29,5% nos compromissos de curto prazo, que avançaram de quase R\$ 1,628 bilhão para R\$ 2,107 bilhões, correspondendo a 46,4% de endividamento total. Para comparação, esse percentual havia sido de 35% no ano anterior. Na contramão, as dívidas de longo prazo caíram

de R\$ 3,019 bilhões para R\$ 2,433 bilhões, numa queda de 19,4%.

A situação é um pouco mais confortável do que em 2011, quando foi concluído o segundo grande acerto com a Eletrobras e a dívida somava R\$ 5,362 bilhões. Desde lá, o endividamento total caiu 15,3%, como resultado do plano de saneamento colocado em marcha no período, com acerto de passivos relacionados a obrigações em atraso com o setor elétrico e ao Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) devido ao governo estadual.

A despeito das expectativas geradas a partir da contratação do empréstimo de R\$ 3,527 bilhões, nem todos os problemas estão de fato sanados. No

ano passado, voltaram a crescer, além do endividamento bancário, tanto as dívidas de curto prazo com fornecedores, que aumentaram 15% (de R\$ 437,934 milhões para R\$ 503,623 milhões), quanto as taxas regulamentares não honradas e lançadas no passivo circulante. Neste último caso, o aumento foi de 125%, com os compromissos em atraso saindo de R\$ 281,974 milhões para R\$ 634,479 milhões, o que passou a representar 29,5% de todo o passivo circulante. Este, por sua vez, cresceu 28,7% entre os dois últimos exercícios, avançando de R\$ 1,670 bilhão para R\$ 2,149 bilhões ou 52,9% do ativo total da companhia (acima dos 40,2% registrados em dezembro de 2012).

UM NOVO PERFIL

(Muda composição do endividamento total da Celg D, valores em R\$ milhões)

Dívida	2012	2013	Varição (%)
Curto prazo	1.627,64	2.107,21	29,5
Longo prazo	3.018,70	2.433,20	-19,4
Total	4.646,35	4.540,41	-2,3
Curto prazo/total	35,0%	46,4%	-
Patrimônio líquido	-1.030,46	-1.029,80	-0,06
Passivo circulante a descoberto	-267,854	-894,571	234,0

Fonte: Demonstração financeira anual da Celg Distribuição



MAIS OPERAÇÕES DE CURTO PRAZO

Às voltas com notórias dificuldades para geração de caixa, a Celg D tem recorrido a operações de curto prazo enquanto não chegam os recursos do empréstimo. Entre dezembro do ano passado e março deste ano, em quatro assembleias gerais extraordinárias realizadas, a direção da distribuidora foi autorizada a captar no mercado até R\$ 260 milhões, via emissões de cédulas de crédito bancário, a juros que variam de 0,45% a 0,50% ao mês, correção com base em 100% do Certificado de Depósito Interbancário (CDI), garantidos por recebíveis de faturas de energia elétrica.

PANIFICAÇÃO E CERÂMICA, OS PRÓXIMOS ALVOS

Com mudanças, Norma Regulamentadora 12 passa a incluir 340 itens, com exigências mais rigorosas para a segurança do trabalho em máquinas e equipamentos

■ *Padarias: fiscalização já atinge o setor e leva à paralisação temporária de empresas do setor em Goiás*

Nas últimas semanas, pelo menos duas panificadoras – uma de pequeno e outra de grande porta – foram obrigadas a parar sua produção temporariamente. Elas tiveram equipamentos lacrados pela fiscalização do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) por inadequação às exigências estabelecidas pela Norma Regulamentadora 12 (NR 12), segundo o presidente do Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás (Sindi-pão), Luiz Gonzaga de Almeida.

Às vésperas do Natal de 2010, o MTE baixou a Portaria 197, que alterou a versão anterior da NR 12, instituída, por sua vez, pela Portaria 3.214, de 8 de junho de 1978. A edição mais antiga da norma trazia em torno de quatro dezenas de itens, número ampliado para 340, incluindo exigências com as quais a indústria não concorda e tem buscado modificar. Numa estimativa da Confederação Nacional da Indústria (CNI), a aplicação integral de todas as exigências, na forma em que foram definidas pela NR 12, obrigaria o setor a realizar investimento em torno de R\$ 100 bilhões na troca de máquinas e equipamentos obsoletos ou em sua adequação.

“A inclusão de ferramentas de segurança tem o objetivo de melhorar a qualidade de vida e reduzir riscos para o trabalhador e é uma obrigação nossa. O empresário não é contra a norma, mas a forma como foi colocada”, questiona Almeida.

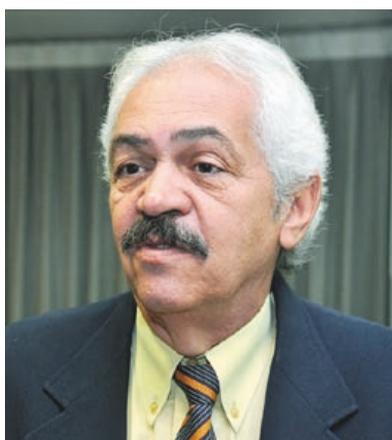
As exigências da norma

A NR 12 define procedimentos obrigatórios relacionados à segurança do trabalho em máquinas e equipamentos, determinando parâmetros para alteração nos projetos de construção de equipamentos, conferindo prazos para que os fabricantes procedam as alterações no maquinário e estipulando prazos para substituição ou adaptação das máquinas, quando isso for possível.

Os fabricantes tiveram até 24 de junho de 2011 para alterar projetos e iniciar a produção de novos maquinários. No caso do setor de panificação, a partir daquela data passaram a correr prazos de 12 a 60 meses para adaptação do setor, variando conforme o tipo do

equipamento e o número de funcionários de cada empresa. Obrigatoriamente, as modificações devem ser feitas por meio de projeto de engenharia, com o devido recolhimento de Anotação de Responsabilidade Técnica (ART) ao Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Goiás (Crea-GO).

Além de requisitos de segurança mais elaborados e precisos, a norma em vigor exige que os equipamentos disponham de manuais técnicos e determina que o empregador deverá providenciar treinamento para os operadores das máquinas, proibindo a “utilização, cessão, venda ou exposição de equipamentos fora dos novos padrões”, acrescenta o presidente do Sindipão, o que penaliza aquelas empresas de menor porte. “Não há trata-



■ Luiz Gonzaga de Almeida: “Não há tratamento diferenciado para micro e pequenas empresas e nem diferenciação entre equipamentos usados e novos”

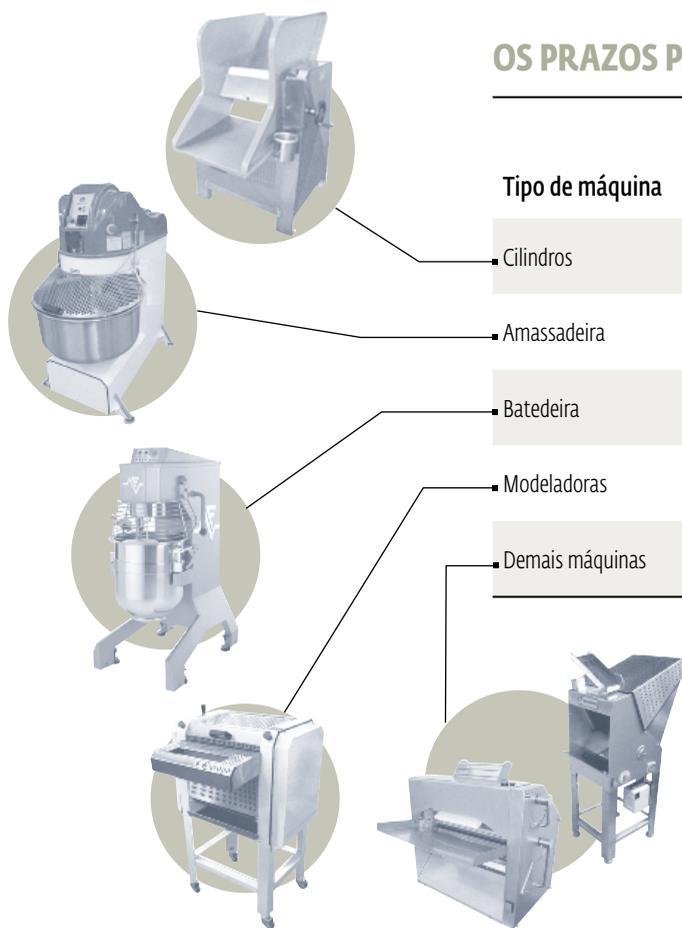
mento diferenciado para micro e pequenas empresas e nem diferenciação entre equipamentos usados e novos”,

afirma Luiz Gonzaga de Almeida.

Nos seus cálculos, para reformar uma modeladora de massas, comprada há dez anos por cerca de R\$ 4,5 mil, o empresário teria de desembolsar em torno de R\$ 2 mil apenas para a troca de peças antigas por novas e mais R\$ 2,5 mil apenas pela ART. Uma máquina nova, já adequada à NR 12, teria um custo de R\$ 15 mil.

O descumprimento das normas, destaca Almeida, pode acarretar multas de até R\$ 10 mil, suspensão da atividade e, em alguns casos, abertura de ação civil pública contra a empresa. A indústria de panificação fica obrigada a remodelar cilindros, amassadeiras, bateadeiras, modeladoras de massa, laminadoras, fatiadoras de pães e moinhos para produção de farinha de rosca.

OS PRAZOS PARA O SETOR DE PANIFICAÇÃO



Tipo de máquina	Empresa com até 10 empregados	Empresa com 11 a 25 empregados	Empresa com 26 a 50 empregados	Empresa acima de 50 empregados
Cilindros	12/2013	06/2013	12/2012	06/2012
Amassadeira	06/2016	12/2013	06/2013	08/2012
Batedeira	06/2016	06/2016	12/2013	12/2012
Modeladoras	06/2016	06/2016	06/2016	12/2013
Demais máquinas	06/2016	06/2016	06/2016	12/2014





■ Linha de produção: indústrias, como o setor de cerâmica, pedem maior prazo e alterações nas exigências da norma

CNI propõe mudanças

Em fevereiro deste ano, Conselho Temático Permanente de Relações do Trabalho e Desenvolvimento Social da Confederação Nacional da Indústria (CNI) encaminhou ao MTE o texto final de um projeto que sugere a revogação das exigências da atual NR 12 e sua substituição pela proposta empresarial, com fixação de novos prazos para empresas se adaptarem e suspensão da fiscalização até que o assunto seja discutido pela Comissão Nacional Tripartite Temática da NR 12, criada pela Portaria 197/10.

O projeto da CNI, apoiado pelas federações e sindicatos do setor industrial, defende uma “linha de corte temporal para as adequações de máquinas usadas”, com obrigações distintas para usuário e fabricantes/importadores, assim como tratamento especial para microempresas e indús-

trias de pequeno porte. A interdição de máquinas e equipamentos, sustenta ainda a proposta, apenas deverá ser aplicada “mediante grave e iminente risco devidamente comprovado por laudo técnico circunstanciado, elaborado por auditor-fiscal do trabalho com especialização em engenharia de

segurança do trabalho ou medicina do trabalho, em nível de pós-graduação, e por ato do superintendente regional do Trabalho e Emprego”. No caso de máquinas e equipamentos produzidos antes da portaria que modificou a NR 12, a indústria defende sua adequação sem a necessidade de nova ART.

CRÉDITO EM CONDIÇÕES ESPECIAIS

O Sindipão, segundo seu presidente, Luiz Gonzaga de Almeida, vem negociando com o governo de Goiás a adoção de uma linha de crédito específica para financiar as adequações que a indústria terá de fazer em seu parque de máquinas, utilizando, para isso, recursos da Agência de Fomento de Goiás (GoiásFomento).

“Já realizamos duas apresentações com a participação da equipe da agência e esperamos ter uma resposta positiva”, afirma Almeida. Em novembro do ano passado, o governo de São Paulo, por meio da Agência de Desenvolvimento Paulista (Desenvolve SP), em parceria com as secretarias da Fazenda e de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia, lançou uma linha de financiamento no valor de R\$ 100 milhões e a juro zero para facilitar o processo de adaptação e substituição de maquinário pela indústria de panificação e confeitaria do Estado. Os empréstimos terão prazo de até 72 meses, incluindo 24 meses de carência.

Apreensão na indústria cerâmica

O clima de incertezas e a perspectiva de um endurecimento na fiscalização causam apreensão entre as mais de 500 empresas do setor cerâmico em operação no Estado. “Não há por enquanto qualquer indicação de como essa situação irá se resolver”, afirma o presidente do Sindicato das Indústrias Cerâmicas de Goiás (Sindicer-GO), Henrique Wilhelm Morg de Andrade.

A única certeza é que as exigências da NR 12 vão atingir em cheio a indústria do setor. “Temos muitas máquinas obsoletas, que precisam de adequação aos novos requisitos de segurança. Há igualmente uma necessidade de automação dos equipamentos”, observa Morg. A adaptação atinge desde correias transportadoras e polias, detalha

ainda, a marombas (equipamento de extrusão) e sistemas elétricos.

O sindicato, continua Morg, pediu à Superintendência Regional do Trabalho e Emprego em Goiás um prazo de pelo menos 90 dias para tentar encontrar soluções para o setor antes que a fiscalização saia a campo, mas ainda não havia obtido resposta. “Todas as empresas enfrentam algum tipo de problema e os custos para adequação de máquinas e equipamentos são muito elevados”.

■ Henrique Morg: “Todas as empresas enfrentam algum tipo de problema e os custos para adequação são muito elevados”



Longe dos rigores da lei

A versão mais atualizada da NR 12, a despeito dos objetivos de assegurar maior segurança e preservar a saúde do trabalhador, não consegue alcançar todo e qualquer tipo de empresa. “O empresário que atua na formalidade será obrigado a instalar dispositivos de segurança e mesmo comprar máquinas e equipamentos já adequados à legislação. Mas quem está na informalidade não se verá diante da mesma obrigação”, pondera o engenheiro electricista e de segurança do trabalho Nélio Fleury, diretor da Associação Goiana de Engenharia de Segurança do Trabalho (Agest).

Essa incapacidade virtual de atingir o mercado informal tende a agravar a concorrência desleal entre os dois segmentos. “O empresário que imobilizar seu capital seja em novos equi-



■ Nélio Fleury: cobrança de ART vai apenas onerar ainda mais o processo produtivo e a empresa regularmente instalada

pamentos, seja na adequação daqueles já em uso, enfrentará custos mais elevados, além de perda de velocidade e de agilidade no processo produtivo”, observa Fleury.

O engenheiro lembra que a fiscalização dispõe de efetivo reduzido frente ao tamanho do mercado, o que torna a situação mais complicada. “As

projeções da Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho (Fundacentro) antecipam a perspectiva de redução em até 98% do número de acidentes do trabalho, que em quase 38% dos casos atingem as mãos do trabalhador. Mas, no setor de panificação, embora mais de 90% dos cilindros de massa estejam irregulares, por exemplo, apenas 27,5% dos empreendimentos do setor são fiscalizados, segundo o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)”.

Fleury também discorda da exigência de anotação de responsabilidade técnica (ART) para projetos de adequação de maquinário à NR 12. Na sua visão, a ART poderia ser dispensada, já que estaria apenas contribuindo para onerar ainda mais o processo produtivo e o empresário.

UMA ALTERNATIVA SUSTENTÁVEL

■ *Custos mais baixos: sistema para destinação final de resíduos industriais recicláveis oferecido pela Ciclo Verde traz economia de 70%*

Empresa oferece ao mercado soluções diferenciadas para tratamento e gestão de resíduos orgânicos, incluindo a aplicação de biotecnologia exclusiva no processo de compostagem

Com portfólio de serviços integrados, objetivando a solução completa, eficiente e sustentável da destinação de resíduos em geral, a Ciclo Verde chega ao seu sétimo ano de atuação em Goiás com expectativas de crescimento.

Atualmente a lista de serviços disponibilizados pela empresa inclui a compostagem de resíduos orgânicos, soluções em gerenciamento integrado de resíduos, descaracterização (e gerenciamento pós-descaracterização), assessoria técnica e treinamento. Toda a operação, segundo a Ciclo Verde, é assistida por licença ambiental emitida e fiscalizada pelo órgão ambiental do Estado, a Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semarh), tendo projeto de controle ambiental devidamente regularizado.

Fundada em abril de 2007, a Ciclo Verde atuou inicialmente na área de gerenciamento de resíduos recicláveis por acreditar ser uma área em exponencial crescimento e evolução – seguindo os preceitos da legislação que exigia e exige cada vez mais uma destinação ambientalmente correta dos resíduos gerados na indústria – e que demandava novas alternativas, mais sustentáveis.

Em 2012, a empresa iniciou a operação em parceria com a Gofert no processo de compostagem de resíduos industriais orgânicos. O objetivo, segundo a Ciclo

Verde, foi apresentar ao mercado soluções diferenciadas no tratamento de resíduos e sua gestão responsável. Com uma equipe profissionalizada para o atendimento às necessidades do mercado, a empresa hoje desenvolve soluções personalizadas para a realidade dos clientes. Disponibiliza equipamentos para agilidade dos processos, como prensas e descaracterizadores, e no âmbito da compostagem, faz uso de biotecnologia exclusiva. Esta, segundo a Ciclo Verde, garante qualidade, homogeneidade e agilidade na técnica da degradação da matéria orgânica, proporcionando redução significativa do tempo de decomposição (60%) e, conseqüentemente, da exposição ao risco do gerador, como estabelece a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), levando ainda a uma economia financeira de, em média, 70% em comparação com outras formas de destinação final operadas no Estado.

De acordo com a empresa, o caso de sucesso da Ciclo Verde em Goiás pode ser evidenciado pelo fechamento de parcerias com grandes empresas, em que tem obtido excelentes resultados no tratamento de resíduos orgânicos industriais, resíduos de lodo de estação de tratamento de efluentes industrial e outros resíduos mediante análise prévia e aprovação técnica.

Atualmente, a empresa investe em uma área em Aparecida de Goiânia para instalação da planta de administração e descaracterização de resíduos, bem como na ampliação do pátio de compostagem em Bela Vista de Goiás. A Ciclo Verde também está viabilizando novo local para instalar mais um pátio de compostagem nas proximidades de Goiânia e prevê ainda a implantação de novos pátios de compostagem em áreas de grandes geradores.

MAIS LIMPO, MAIS SEGURO

Planalto investe para dobrar sua produção até meados de julho e concentra suas apostas na área de coleta de resíduos infectantes, suprimindo demanda ainda não atendida pelo mercado

Laura de Paula

Com crescimento médio entre 30% e 40% ao ano, a Planalto Indústria Mecânica já começou a executar seu projeto de expansão. Especializada na fabricação de equipamentos de coleta e transporte de resíduos sólidos domiciliares, industriais e infectantes, produz mais de 100 unidades por mês na matriz localizada em Goiânia. A empresa está investindo R\$ 2 milhões na ampliação da planta industrial, renovação do maquinário e implantação de duas linhas de montagem. A expectativa, até meados de julho, é dobrar a produção e os atuais 8 mil metros quadrados da fábrica, além de reduzir custos com a aposta em novas tecnologias. O quadro de funcionários, hoje de quase 300 empregados diretos, entre fábrica e filiais, deve aumentar em torno de 30%.

Outra meta é avançar na exploração de um nicho comercial em que ainda não há concorrência, segundo a sócia e diretora superintendente, Sirlene Maria de Queiroz Nascimento. “Acreditamos que podemos atuar mais fortemente na área de coleta de resíduos infectantes, porque o mercado não está olhando para essa necessidade”, diz. A Planalto atua no segmento com o modelo Hospitalix, que pode transportar até oito metros cúbicos de resíduos hospitalares sobre uma estrutura estanque que evita o vazamento de

líquidos contaminantes.

Um de seus últimos lançamentos é o equipamento LVP 7000, que lava contêineres plásticos – muito utilizados para armazenamento de lixo nas vias urbanas –, de capacidade para até mil litros. Similar ao modelo já consagrado na Europa, essa tecnologia nacional proporciona comodidade e rapidez, já que é procedimento comum recolher os contêineres e levá-los a outro local para serem lavados. O novo sistema realiza a manutenção nas ruas mesmo, otimizando o uso de água e sem liberar resíduos. Cidades de São Paulo e do Rio Grande do Sul e o município do Rio de Janeiro já experimentaram e aprovaram a novidade.

Com mais de cinco décadas de atuação, a Planalto possui filiais em São Paulo, Porto Alegre, no Rio de Janeiro e Recife. “São locais estratégicos, mais próximos de nossos clientes potenciais (prestadores de serviços de coleta de lixo para as prefeituras), facilitando o pronto atendimento

■ Sirlene Maria de Queiroz Nascimento: empresa tem registrado crescimento médio anual entre 30% e 40%

em garantia e assistência técnica, o que sempre foi um grande diferencial da Planalto”, justifica Sirlene. Por meio de postos com estoque de acessórios e peças de reposição e assistência técnica especializada, a empresa atende todo o Brasil, as Américas e parte da África. De acordo com Sirlene, há muito espaço para crescer nos mercados nacional e internacional. Tanto que estreitar parcerias com países vizinhos é uma meta para os próximos anos.

Preocupada em oferecer produtos de qualidade, durabilidade e alta funcionalidade, visando à sintonia com o ambiente, a Planalto conquistou o Selo Verde de responsabilidade socioambiental. “Como atuamos diretamente com a conservação do meio ambiente, fabricando equipamentos cada vez mais eficientes e limpos para coleta e transporte de resíduos é de suma importância estarmos focados na sustentabilidade. Ter o Selo Verde confirma o compromisso da Planalto Indústria com esse tema”, afirma.





Carlos Roberto Viana: "A empresa sempre cresceu de forma planejada, com os pés no chão, e até hoje não tem endividamento"

NOVOS VENTOS DO MOINHO FINO

Tradicional fabricante de cafés selecionados, empresa está investindo R\$ 8 milhões de recursos próprios em nova fábrica para triplicar sua produção

Há quatro décadas, um jovem empresário, então com 23 anos, assumiu 50% das ações da indústria de café Dumário, em Pontalina, Sul de Goiás. Era junho de 1979 e Carlos Roberto Viana não poderia ainda ter uma visão das dimensões que o negócio tomaria. Naquele mesmo ano, ele comprou a outra metade, fundou a Dicasa Indústria e Comércio de Alimentos e desde lá colocou a ética comercial, o respeito à concorrência e a sustentabilidade do negócio como foco. "A empresa sempre cresceu de forma planejada,

com os pés no chão, e até hoje não tem endividamento", afirma Roberto, como é mais conhecido.

Em janeiro de 1981, abriu uma segunda unidade em Bela Vista de Goiás, na Região Metropolitana de Goiânia e, no ano seguinte, encerrou a operação em Pontalina para, cinco anos depois, transferir a indústria de Bela Vista para o Jardim Nova Era, em Aparecida de Goiânia, perto de onde seria construído, algum tempo depois, o Buriti Shopping. A empresa continua até hoje no mesmo endereço, mas não por muito tempo. Entre outubro e novembro deste ano, adianta Roberto, a indústria passará a ocupar um espaço mais amplo no Polo Empresarial de Aparecida, numa área de 15 mil metros quadrados, com 5 mil m² de espaço coberto, o que permitirá triplicar a capacidade, considerando-se apenas um turno de trabalho. "A unidade atual será desativada", acrescenta.

QUASE TUDO PRONTO

Num investimento estimado em algo próximo a R\$ 8 milhões, todo realizado com recursos próprios, a nova fábrica está sendo equipada com maquinário de última geração, mais moderno e com maior índice de automação, o que vai aumentar também a produtividade. A parte de edificação já foi concluída e perto de 30% das máquinas já estavam instaladas até o início de abril. “Estamos estudando a oportunidade de contratar ou não crédito da Finame (agência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social para o financiamento de máquinas e equipamentos nacionais). Mas isso ainda não está decidido”, afirma.

Novas marcas e produtos

Para dar suporte a sua estratégia comercial, que assegura aos produtos da empresa a liderança no mercado da Região Metropolitana de Goiânia, a Dicasa mantém frota própria com 50 veículos utilitários e 15 motos, que se encarregam da distribuição. “As motos nos permitem atender diretamente e com maior agilidade nossos clientes corporativos”, esclarece Roberto.

Essa estratégia vem sendo incrementada ao longo da trajetória da Dicasa. Em 1996, a empresa colocou no mercado o café Moinho Fino, sua marca líder atualmente, produzida a partir de um blend de cafés mais fortes, com mais personalidade e apelo comercial. Dois anos mais tarde, a empresa ini-

ciou um processo bem-sucedido de segmentação de suas marcas, com a produção distribuída entre o Moinho Fino extra forte e o tradicional.

Um pouco mais adiante, como resultado dos investimentos realizados em desenvolvimento e pesquisa de novos produtos, chegou ao mercado a versão a vácuo. Há três anos, a Dicasa apresentou o café Carreiro, como par-

te da estratégia de ampliação do mix de produtos e de conquista de novos espaços no mercado. “Desenvolvemos um blend mais específico, com maior intensidade de sabor e nova composição de grãos para conquistar um novo público”, detalha Roberto. No ano passado, a empresa lançou sua linha de café capuccino e planeja novos lançamentos para o futuro.

ALINHADA COM O CRESCIMENTO

Atualmente com 120 funcionários, a Dicasa tem tido taxas constantes de crescimento, em torno de 3% a 5% ao ano, e deverá manter “essa linha ascendente em 2014”, acredita Roberto. “Estamos investindo constantemente no desenvolvimento de novos produtos e em atualização para acompanhar as mudanças no mercado”, reforça o empresário. Além da Grande Goiânia, a Dicasa atende a mais de uma centena de cidades no interior do Estado.



■ *Moinho Fino: marca líder é produzida com um blend de cafés mais fortes, com mais personalidade e apelo comercial*



NOVO SECRETÁRIO / Numa deferência especial ao setor produtivo do Estado, a confirmação do empresário William Leyser O'Dwyer como novo titular da Secretária de Indústria e Comércio foi feita pelo governador Marconi Perillo, no dia 24 de abril, na presença dos presidentes da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, e da Fieg Regional Anápolis, Wilson Oliveira. Natural de Ipameri, Bill O'Dwyer – como é mais conhecido – tem 62 anos e há cerca de 50 reside e trabalha em Anápolis, onde é diretor do Grupo Anadiesel, concessionária de veículos Mercedes Benz e revendedora da Michelin, e ainda diretor para a área de comércio exterior da Associação Comercial e Industrial de Anápolis (Acia).

ENSINO TÉCNICO / Concluinte do curso técnico em edificações, ministrado pela Escola Senai Vila Canaã, Cárta Cristiane Nepomuceno foi oradora das turmas de formandos de cursos profissionalizantes desenvolvidos gratuitamente em Goiás por meio do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). A solenidade, no dia 1º de abril, no Centro de Convenções de Goiânia, contou com presença do ministro da Educação, José Henrique Paim, do governador Marconi Perillo, e do presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira.



CORREÇÃO / O presidente do Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano (Simesgo), Wellington Soares Carrijo, aguarda ciclo de vigoroso crescimento nos próximos cinco anos para a indústria do setor em todo o País, acumulando no período entre 20% e 40%, com reflexos também para o Sudoeste goiano.



INVESTIMENTOS – 1 / Os avanços registrados no mercado de colhedoras de cana e pulverizadores animaram a John Deere a investir perto de US\$ 40 milhões na ampliação de sua planta em Catalão, elevando a área construída de 30 mil para 45 mil metros quadrados, com instalação de uma linha automatizada de pintura. Na fase de obras, com previsão de conclusão para 2015, a expansão deverá gerar 300 empregos, aumentando a capacidade da fábrica em 30%.



INVESTIMENTOS – 2 / O Grupo Hypermarcas deu mais um passo na centralização de suas operações no Estado, ao inaugurar em abril seu centro de distribuição em Goiânia, num investimento de R\$ 150 milhões. A unidade passa a concentrar toda a distribuição do grupo, antes dividida entre mais de 20 depósitos espalhados pelo País. A centralização dos negócios da Hypermarcas em Goiás exigiu investimentos de meio bilhão de reais nos últimos quatro anos, gerando 8 mil empregos.

Renata Dos Santos

■ **NO QUINTAL DO BOTAFOGO** / O Parque Living Mutirama, um edifício de dois e três quartos que tem como quintal o Parque Botafogo, será lançado dia 24 de maio, na Rua dos Comerciários, no Centro. O empreendimento é a primeira parceria de duas construtoras goianas de mais de 20 anos de fundação: a Tapajós, de Vicente Porfírio, e a Terral, dos irmãos Leonardo de Oliveira Gomes e Marcello de Oliveira Gomes. Depois de décadas sem lançamentos na região, o empreendimento surgiu como fruto de visão e aproveitamento de oportunidade com a revitalização do Parque Botafogo e do Mutirama. Os empreendedores acreditam que muita gente gostaria de morar no Centro, mas a grande maioria dos edifícios e residências é antiga e enfrenta problemas como segurança, falta de garagens e uma vizinhança sem opções de lazer, como praças e áreas verdes.



■ **TIJOLO ECOLÓGICO** / Andrey Nobre (Ecosólidos) montou estande no 1º Fórum Mundial de Economia Doméstica e Direitos do Consumidor, realizado no estacionamento da Estação Goiânia, em março. Seus tijolos ecológicos, carro-chefe de uma produção que inclui ainda pisos fabricados via processos de reciclagem, foram divulgados em vídeos e aulas enfocando temas como educação ambiental e construção civil.



■ **FABRICANDO SONHOS** / Fernando Peixoto (foto) brilhou com a Splendore Collezione 2014, nova coleção de vestidos de noiva lançada pela sua confecção, em Goiânia. Inspiradas na Itália, as novidades mix de renda, tule e bordados, que abastecem o mercado local e do DF, foram mostradas primeiramente em desfile no Oliveira's Place para mil convidados, dia 23 de abril. Os privilegiados receberam o catálogo dos vestidos, produzido em localidades como Roma, Castiglione D'ella Pescaia e Florença e que contou com acompanhamento de Fernando e sua equipe.

■ **AÇAÍ ZERO AÇÚCAR** / A conquista de prêmio internacional pelo açaí zero açúcar, na Sial Paris, França, maior feira de alimentos do mundo, em 2012, deu fôlego à dupla Divino Aparecido dos Santos e Márcio Pereira Sidião (Doce Vida Alimentos). Os empresários expandiram sua rede de distribuição para o Brasil e o mundo e investiram num novo projeto de comunicação digital e de relacionamento, com site, blog e outras ferramentas das redes sociais, marcadas por conteúdo e design. As receitas on-line são destaque e a navegação em três idiomas é o foco deste ano da empresa, fundada em 1992 e pioneira do segmento.



■ CORTINAS, PERSIANAS, TOLDOS

/ Recém-chegado do Salone del Mobile Milano, realizado de 8 a 13 de abril, em Milão, Itália, o casal de empresários Sérgio Marques e Madalena Marques (foto) faz plantão na fábrica deles (Persiflex-Solaris), na nova sede, inaugurada no fim do ano passado, em área de 9 mil m² no Polo Industrial Goiás, em Aparecida de Goiânia. Fruto de pesquisa de tendências na Alemanha, sua coleção Absolute Collection estará exposta em ambientes na Casa Cor Goiás 2014, 18ª edição. Suas cortinas, persianas e toldos poderão ser conferidos em vários ambientes da mostra de decoração, que vai até 11 de junho, na Rua 34, no Setor Marista, onde a construtora EBM vai construir um edifício.

■ INDÚSTRIA DE PÃES /

Comemorando um ano de sua indústria de pães artesanais, a Dona Padeira, sediada no alto da Serrinha, em Goiânia, o casal Moema Machado e Leandro Rezende Pacheco visita adega no Mercado Municipal de Curitiba (foto), em mais uma de suas andanças para pesquisas gastronômicas. No dia 13 de maio, eles querem impressionar com seus produtos os participantes do Wine Day, evento de degustação organizado por Zé Pedro Santos e Edvânia Nogueira, que reunirá no Castro's Park Hotel mais de 50 rótulos de produtores de vinho de regiões portuguesas como Douro e Alentejo.



■ NAS OLIMPÍADAS /

A indústria do Roberto Stort (New Forms Sistemas Construtivos), que vai fornecer banheiros para os Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro, já colhe frutos da notícia com encomendas de todo o Brasil. A indústria do italiano de Salerno, que abriu seu negócio em Aparecida de Goiânia, em 2012, é especializada na construção e instalação de banheiros pré-fabricados tipo células e foi escolhida como fornecedora pela Odebrecht Brasil. Serão 400 unidades, que vão atender à imprensa internacional. Segundo o empresário, o produto inovador de know how italiano será oferecido em preço competitivo e dará projeção internacional para sua empresa, que tem como clientes hospitais, hotéis e edifícios comerciais. Ele prevê que, nos próximos anos, serão investidos R\$ 5 milhões na ampliação da fábrica, com geração de mais de 200 empregos diretos.



■ PROFISSIONAIS DE OURO / *Três jovens goianos ajudaram o Brasil a obter o melhor resultado entre os 17 países participantes da 3ª edição do WorldSkills Américas, competição interamericana de profissões técnicas, realizada em Bogotá, na Colômbia, entre 1º e 6 de abril. Gabriel de Castro Freitas, Paulo Henrique Castro, da Escola Senai Vila Canaã, de Goiânia, e Selimar Dias dos Santos, da Faculdade de Tecnologia Senai Roberto Mange, de Anápolis, conquistaram medalhas de ouro nas ocupações de desenho assistido por computador, design gráfico e marcenaria, respectivamente. Eles tiveram recepção festiva (foto) ao desembarcar no Aeroporto Santa Geneveva, em Goiânia. O bom resultado no WorldSkills, destinado a avaliar a qualidade da educação profissional, insere o Senai Goiás em seleto celeiro de talentos, com a formação dos melhores profissionais para a indústria.*

SINDICATOS COM SEDE NA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS

Av. Anhanguera, nº 5.440, Edifício José Aquino Porto, Palácio da Indústria, Centro, Goiânia-GO, CEP 74043-010

SIAEG*Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás***Presidente:** Sandro Antônio Scodro Mabel
Fone/Fax: (62) 3224-9226
siaeg@terra.com.br**SIEEG***Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal***Presidente:** Domingos Sávio
Fone (62) 3212-6092 - Fax 3212-6092
sieeg@sistemafieg.org.br**SIGEGO***Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás***Presidente:** Antônio de Sousa Almeida
Fone (62) 3223-6515 - Fax 3223-1062
sigego@sistemafieg.org.br**SIMAGRAN***Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás***Presidente:** Eliton Rodrigues Fernandes
Telefone: (62) 3225-9889
simagran@sistemafieg.org.br**SINCAFÉ***Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado de Goiás***Presidente:** Carlos Roberto Viana
Fone (62) 3212-7473 - Fax 3212-5249
sincafe@sistemafieg.org.br**SINDIAREIA***Sindicato das Empresas de Extração de Areia do Estado de Goiás***Presidente:** Gilberto Martins da Costa
Fone/Fax (62) 3224-8688
sindiareia@sistemafieg.org.br**SINDCEL***Sindicato das Indústrias da Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia no Estado de Goiás***Presidente:** Célio Eustáquio de Moura
Fone (62) 3218-5686 / 3218-5696
Sindcel.go@gmail.com**SINDIALF***Sindicato das Indústrias de Alfaiataria e Confeção de Roupas para Homens no Estado de Goiás***Presidente:** Daniel Viana
Fone (62) 3223-2050**SINDIBRITA***Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras e Derivados do Estado de GO, TO e DF***Presidente:** Flávio Santana Rassi
Fone/Fax (62) 3213-0778
sindibrita@sistemafieg.org.br**SINDICALCE***Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás***Presidente:** Elvis Roberson Pinto
Fone/Fax: (62) 3225-6402
sindicalce@sistemafieg.org.br**SINDICARNE***Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás e Tocantins***Presidente:** José Magno Pato
Fone/Fax (62) 3229-1187 e 3212-1521
sindicarn@terra.com.br**SIMELGO***Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás***Presidente:** Hélio Naves
simelgo@sistemafieg.org.br
Fone/Fax (62) 3224-4462
contato@simelgo.org.br**SIMPLAGO***Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás***Presidente:** Olympio José Abrão
Gestor executivo: Giovanni Souto
Fone (62) 3224-5405
simplago@sistemafieg.org.br**SINDICURTUME***Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás***Presidente:** João Essado
Fone/Fax: (62) 3213-4900
sindicurtume@sistemafieg.org.br**SINDIGESSO***Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás***Presidente:** José Luiz Martin Abuli
Fone: (62) 3224-7443
sindigesso@sistemafieg.org.br**SINDILEITE***Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás***Presidente:** Joaquim Guilherme Barbosa de Souza
Fone (62) 3212-1135 / Fax 3212-8885
sindleite@terra.com.br**SINDIPAÑO***Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás***Presidente:** Luiz Gonzaga de Almeida
Fone: (62) 8422-4022
sindipao@sistemafieg.org.br**SINDIREPA***Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás***Presidente:** Sílvio Inácio da Silva
Telefone (62) 3224-0121/ 3224-0012
sindirepa@sistemafieg.org.br**SINDMÓVEIS***Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás***Presidente:** Pedro Silvério Pereira
Fone/Fax (62) 3224-7296
sindmoveis@sistemafieg.org.br**SINDRIGO***Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste***Presidente:** Alexandre Araújo Moura
Fone (62) 3223-9703
sindrigo@sistemafieg.org.br**SININCEG***Sindicato das Indústrias de Calcário, Cal e Derivados no Estado de Goiás***Presidente:** José Antônio Vitti
Fone/Fax (62) 3223-6667
sininceg@sistemafieg.org.br**SINPROCIMENTO***Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás***Presidente:** Luiz Ledra
Fone (62) 3224-0456/Fax 3224-0338
siac@sistemafieg.org.br**SINDQUÍMICA-GO***Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás***Presidente:** Jaime Canedo
Fone (62) 3212-3794/Fax 3225-0074
sindquimica@sistemafieg.org.br**SINVEST***Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás***Presidente:** José Divino Arruda
Fone/Fax (62) 3225-8933
sinvest@sistemafieg.org.br**OUTROS ENDEREÇOS****SIAGO***Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás***Presidente:** José Nivaldo de Oliveira
Rua T-45, nº 60 - Setor Bueno
CEP 74210-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax (62) 3251-3691
siagoarroz@hotmail.com**SIFAÇÚCAR***Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar do Estado de Goiás***Presidente:** Segundo Braoios Martínez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia - GO
Fone (62) 3274-3133 / Fax (62) 3251-1045**SIFAEG***Sindicato das Indústrias de Fabricação de Etanol no Estado de Goiás***Presidente:** Segundo Braoios Martínez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia - GO
Fone (62) 3274-3133 e (62) 3251-1045
sifaeg@terra.com.br**SIMESGO***Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano***Presidente:** Wellington Soares Carrijo
Rua Costa Gomes, nº 143 Jardim Marconal
CEP 75901-550 - Rio Verde - GO
Fone/Fax (64) 3623-0591
simesgol@hotmail.com**SINROUPAS***Sindicato das Indústrias de Confeções de Roupas em Geral de Goiânia***Presidente:** Edilson Borges de Sousa
Rua I.137, nº 87 - Setor Marista
CEP 74180-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax: (62) 3088-0877
sinroupas@yahoo.com.br**SINDUSCON-GO***Sindicato das Indústrias da Construção no Estado de Goiás***Presidente:** Carlos Alberto de Paula Moura Júnior
Rua João de Abreu, 427 - St. Oeste
CEP 74120-110 - Goiânia - GO
Fone (62) 3095-5155
contato@sinduscongoias.com.br**ANÁPOLIS**

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Jundiáí, Anápolis/GO - CEP 75113-630

Fone/Fax: (62) 3324-5768 e 3324-5997
fieg.regional@sistemafieg.org.br**SINDALIMENTOS***Sindicato das Indústrias da Alimentação de Anápolis***Presidente:** Wilson de Oliveira
sindalimentos@sistemafieg.org.br**SICMA***Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis***Presidente:** Álvaro Otávio Dantas Maia
sicma@sistemafieg.org.br**SINDIFARGO***Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás***Presidente:** Heribaldo Egídio
Presidente-Executivo: Margal Henrique Soares
sindifargo@sistemafieg.org.br**SIMMEA***Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis***Presidente:** Robson Peixoto Braga
simmea@sistemafieg.org.br**SINDICER-GO***Sindicato das Indústrias de Cerâmica no Estado de Goiás***Presidente:** Henrique Wilhelm Morg de Andrade
sindicergo@sistemafieg.org.br**SIVA***Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis***Presidente:** Jair Rizzi
siva@sistemafieg.org.br**Senhor empresário:** A FIEG é integrada por 36 sindicatos da indústria, com sede em Goiânia, Anápolis e Rio Verde. Conheça a entidade representativa de seu setor produtivo. Participe. Você só tem a ganhar.

SINDMÓVEIS

TREINAMENTO INTENSIVO / Como parte do Programa de Apoio à Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias (Procompi), já foram realizados dois circuitos de treinamento, em fevereiro e abril deste ano, destinado às empresas que fazem parte do Arranjo Produtivo Local Moveleiro da Região Metropolitana de Goiânia. O primeiro foco foi a qualidade do atendimento ao cliente em todos os segmentos do mercado, conforme previsto no plano de comunicação desenhado pelo Procompi para o APL do setor. Marketing e comunicação constituíram o tema do curso mais recente. A iniciativa resulta de parceria envolvendo a Confederação Nacional da Indústria (CNI), Fieg e o Sebrae Goiás, com participação do Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás (Sindmóveis).

SIEEG-DF



EM ALTO NÍVEL / A diretoria do Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e Distrito Federal (Sieeg-DF) e diretores das maiores mineradoras em operação no Estado reuniram-se em março (foto), no Palácio das Esmeraldas, com o governador Marconi Perillo, para tratar as principais reivindicações da indústria mineral. Entre outros pontos, o sindicato apontou que as dificuldades da Celg

Distribuição, nesta fase de gestão compartilhada, em assegurar um suprimento de energia de qualidade continuam um gargalo ao crescimento do setor. Participaram do encontro o presidente do Sieeg-DF, Domingos Sávio Gomes de Oliveira, o senador Ciro Miranda (PSDB), o deputado federal Vilmar Rocha, que avaliaram o encontro como positivo.

NOVA DIREÇÃO

/ A posse da nova diretoria do Sieeg-DF (foto) foi realizada no dia 24 de março, durante solenidade realizada na Casa da Indústria, com participação do governador Marconi



Perillo. O sindicato passa a ser presidido pelo empresário Domingos Sávio Gomes de Oliveira, tendo como vice-presidente Luiz Antônio Vessani. Wilson Antônio Borges e Eduardo Cavalcanti Campos assumiram, respectivamente, como diretor secretário e diretor tesoureiro.



SIFAEG/SIFAÇÚCAR

EFEITOS DO CLIMA / Os Sindicatos da Indústria de Fabricação de Etanol e Açúcar do Estado de Goiás (Sifaeg/Sifaçúcar) promoveram, no início de abril, na Casa da Indústria, a abertura oficial da safra 2014/2015, antecipando um cenário de recuo para a produção sucroalcooleira no Estado. Apesar do crescimento de 11% na área plantada, a produção de cana deverá ser 2,4% menor, caindo para 60,5 milhões de toneladas, sob influência do clima desfavorável. O anúncio foi feito pelo presidente executivo do Sifaeg, André Rocha, também coordenador do Fórum Nacional Sucreenergético (FNS).

PRODUÇÃO EM BAIXA / A produção goiana total de açúcar e de etanol, da mesma forma, deverá cair 8,3%, no primeiro caso, para 1,73 milhão de toneladas, e 4,4%, no segundo, chegando a menos de 3,72 bilhões de litros. Com perspectiva de margens mais favoráveis, a produção de etanol anidro tem previsão de crescer 28,6% na safra atual, alcançando 1,28 bilhão de litros.

FÓRUM NACIONAL / Como coordenador do FNS, André Rocha reuniu-se, em março, com o ministro da Agricultura, Nero Geller, que acabara de ser empossado, durante o Global Agribusiness Fórum (GAF), realizado em São Paulo, juntamente com outras lideranças do setor no País. Entre as propostas na agenda, foram sugeridos ao ministro aumento no percentual da mistura de anidro à gasolina, dos atuais 25% para 27,5%, e adoção de programas que estimulem melhoria na eficiência energética dos motores flex.

SINDUSCON-60

86º ENIC / A Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) promoverá, de 21 a 23 de maio, no Centro de Convenções de Goiânia, o 86º Encontro Nacional da Indústria da Construção (Enic), maior evento do setor na América Latina. A realização do evento é do Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás (Sinduscon-GO) e da Associação das Empresas do Mercado Imobiliário de Goiás (Ademi-GO). O encontro faz parte do calendário anual de empresários brasileiros da cadeia da construção.

SINPROCIMENTO-GO

FEIRA DA CONSTRUÇÃO / Durante a Feira Internacional da Construção (Fecontech), que será realizada paralelamente ao 86º Enic, o Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás (Sinprocimento-GO) colocará à disposição das empresas do setor, para exposição de seus produtos, um estande de 36 metros quadrados.

SIGEEO

RECOPI NACIONAL / Com participação de meia centena de empresas do setor gráfico, o Sindicato das Indústrias Gráficas do Estado de Goiás (Sigego), em parceria com a Secretaria da Fazenda de Goiás (Sefaz-GO), promoveu seminário sobre o Sistema de Registros e Controle das Operações com Papel Imune Nacional (Recopi Nacional), no Auditório Hélio Naves, da Casa da Indústria. Desde o início de abril, apenas empresas cadastradas no sistema poderão ser beneficiadas com imunidade fiscal na aquisição de papéis destinados à impressão de livros, jornais e periódicos. Participaram do seminário, além do secretário José Taveira, da Sefaz-GO, e do superintendente da Receita Estadual, Glaucus Moreira, os presidentes da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, e do Sigego, Antônio Almeida (foto), e diretores do sindicato.



SINROUPAS

SALDÃO DO VESTUÁRIO / O Sindicato das Indústrias de Confeções de Roupas em Geral de Goiânia (Sinroupas) promove, entre 7 e 12 de maio, no Centro de Convenções de Goiânia, o Saldão das Indústrias do Vestuário do Estado de Goiás, com espaço para 150 estandes. Informações e reservas pelos telefones (62) 3088-0878, 3088-0877 e 8475-3544.

FIEG REGIONAL

VISITA A EMPRESAS / A Fieg Regional Anápolis recebeu, no dia 12 de março, visita de uma comitiva da Federação das Indústrias do Estado de Goiás, liderada pelo presidente Pedro Alves de Oliveira, para uma série de visitas a empresas ligadas aos sindicatos das indústrias da própria regional. A programação incluiu as empresas Café Rancheiro, Companhia de Distribuição Araguaia (CDA), Dobraço/JBS Tanques/Mil e Precon Goiás (foto), todas localizadas no Distrito Agroindustrial de Anápolis (Daia).



FIEG REGIONAL

VISITA AO DECANO WALDYR

O'DWYER / O presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, membros da diretoria e os presidentes dos sindicatos patronais ligados à

Regional da Federação em Anápolis, Heribaldo Egídio e Marçal Soares (Sindifargo); Robson Braga (Simmea) e Jair Rizzi (Siva), visitou o empresário Waldyr O'Dwyer, na sede da empresa Anadiesel (foto). Pedro Alves destacou que, aos 97 anos, o Capitão Waldyr é um exemplo de líder classista e citou que o mesmo sempre esteve engajado nas causas de interesse maior de Anápolis e de Goiás. Compuseram também a comitiva da Fieg os vice-presidentes, Antônio Almeida e Eduardo Zuppani; o 2º secretário, Ivan da Glória; o superintendente, José Eduardo; o diretor regional do Senai Goiás, Paulo Vargas e, ainda, Alexandre Moura, presidente do Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste. A Fieg Regional Anápolis foi representada por Darlan Siqueira, articulador e relações com o mercado do Sistema Fieg.



SINDIFARGO

SOB PRESSÃO / A aplicação do Fator Z sobre os preços recentemente autorizados pelo governo para os medicamentos, a título de compensar os ganhos de produtividade da indústria, torna o aumento concedido insuficiente para cobrir a elevação de custos provocada pela variação do câmbio, pela alta dos preços das matérias-primas importadas, pelo aumento das embalagens e de outros insumos. "Este é o prêmio que o setor industrial recebe pela busca da produtividade. Nada restou para investir em inovação, já que faltou para cobrir os atuais custos", afirma Marçal Henrique Soares, presidente executivo do Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás (Sindifargo).

POSSE COM FESTA / No dia 14 de março, no Clube Ferreira Pacheco, em Goiânia, foi realizada a solenidade festiva de posse (foto) da nova diretoria do Sindifargo para o biênio 2014-2015, tendo à frente, na presidência, o empresário Heribaldo Egídio da Silva. Na ocasião, foi também celebrado o aniversário de 10 anos de fundação da entidade. Para marcar essa importante data, o sindicato homenageou in memoriam personalidades que contribuíram e fizeram parte da história da indústria farmacêutica goiana. Foram distinguidos os empresários Heno Jácomo Perillo e Ildefonso Limírio Gonçalves e o ex-governador Mauro Borges Teixeira.



SINDIFARGO

HONRA AO MÉRITO / O presidente executivo do Sindifargo, Marçal Henrique Soares, foi agraciado com o Diploma de Honra ao Mérito Farmacêutico, conferido pelo Conselho Regional de Farmácia do Estado de Goiás (CRF/GO). A solenidade, realizada no CEL da OAB, fez parte das comemorações referentes ao Dia do Farmacêutico, ocorrido em janeiro.



SICMA

DIA SOCIAL DA CONSTRUÇÃO / O Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis (Sicma), em parceria com a unidade Sesi Jaiara, vai realizar em agosto o Dia Social da Construção Civil, destinado a promover a confraternização entre trabalhadores e seus dependentes. No evento, todos terão acesso a uma programação vasta com prestação de serviços gratuitos na área de saúde, educação para o trânsito, consultorias empresariais, minicursos e palestras com temas direcionados aos participantes, além de apresentações artísticas e diversão para as crianças. Os detalhes estão sendo discutidos por uma comissão composta pelo presidente do Sicma, Álvaro Maia, e pelos diretores Luiz Ledra e Anastácios Apóstolos Dágios; pela gerente do Sesi, Nara Núbria, e pelo coordenador de esporte e lazer da unidade, Hugo Alexandre Lisbôa.



SIMMEA

POSSE NO SINDMETANA / O presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis (Simmea), Robson Braga, participou da solenidade de posse do Sindicato dos Metalúrgicos de Anápolis (foto). Junto com ele, estiveram o presidente da Regional Anápolis e vice-presidente da Fieg, Wilson de Oliveira, e os diretores do sindicato Francisco Pontes e José Gravia. Braga parabenizou o presidente e todos os membros da nova diretoria do SindMetana e destacou que o bom relacionamento entre a classes laboral e patronal é fundamental para fortalecer o setor.

TRABALHO E MEIO AMBIENTE / Durante a primeira reunião ordinária do Sicma (foto), ocorrida dia 17 de fevereiro, a convite do presidente da entidade, Álvaro Otávio Dantas Maia, o diretor do Sesi Goiânia, Roberto da Silva Cruz, e o engenheiro de segurança do trabalho Alessandro Marques Martins fizeram exposição sobre o Programa de Condições e Meio Ambiente de Trabalho na Indústria da Construção Civil, realizado pelo Sesi, em Anápolis, por meio da unidade do Jundiá, com recursos do Sistema Fieg.



SINDALIMENTOS

TEMAS TRABALHISTAS / O Sindicato das Indústrias de Alimentação de Anápolis (SindAlimentos) retomou, em fevereiro, o calendário de reuniões mensais de diretoria. Na ocasião, esteve presente o subdelegado do Trabalho em Anápolis e gerente regional do Trabalho e Emprego, Degmar Jacinto Pereira, que tratou de diversos assuntos de interesse do setor. O presidente do sindicato, Wilson de Oliveira, destacou a importância do bom relacionamento entre as entidades sindicais com a Gerência Regional do Trabalho.

SINDICER/GO

EXTRAÇÃO DE ARGILA / Numa parceria entre o Sindicato das Indústrias de Cerâmica no Estado de Goiás (Sindicer/GO) e a superintendência estadual do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), o setor debateu, em seminário realizado no início de abril na Casa da Indústria, a extração de argila pela indústria cerâmica do Estado e do Distrito Federal. Foi uma "oportunidade para os ceramistas conhecerem e tirarem dúvidas diretamente com aqueles que coordenam a área", segundo Henrique Morg, presidente do sindicato.

CADASTRAMENTO / Entre outros projetos, foram apresentados o Cadastro de Cerâmicas e Olarias no Estado de Goiás e Distrito Federal, desenvolvido numa parceria entre o DNPM e o Sindicer/GO, que já cadastrou 217 empresas em 85 municípios. Segundo o DNPM, o objetivo inicial é produzir informações sobre o setor e auxiliar os empresários em suas decisões.



SIVA

NOVO CENTRO DE CONVENÇÕES / O presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis (Siva), Jair Rizzi, participou de visita ao canteiro de obras do Centro de Convenções (foto), que está sendo construído em Anápolis pelo governo estadual. De acordo com Rizzi, o novo centro vai colocar o município na rota dos grandes eventos nacionais e dinamizar ainda mais a economia de toda a região, em vários segmentos. Num investimento estimado em R\$ 112 milhões, o empreendimento ocupará uma área de 32 mil metros quadrados e contará com teatros, restaurante, salas multiuso e de exposições, auditórios e outras dependências.

FISCALIZAÇÃO / A Superintendência Regional do Trabalho e Emprego de Goiás e o Sindicer/GO realizaram, na Casa da Indústria, reunião com ceramistas de todas as regiões do Estado (foto) para orientar os mesmos sobre a fiscalização que a SRT/GO estará desenvolvendo nas indústrias, no decorrer deste primeiro semestre do ano, sobre as atividades ligadas à produção de artefatos de cerâmica e barro cozido para uso na construção e, ainda, a implementação da Norma Regulamentadora nº 12 (NR 12), que dispõe sobre segurança no trabalho em máquinas e equipamentos (leia reportagem nesta edição, nas páginas 34 a 37).





COLOQUE
SUA EMPRESA
NA ROTA DOS
**GRANDES
NEGÓCIOS.**

O All Park é mais que um polo empresarial, é um polo de vantagens para empresas que pensam grande: segurança monitorada 24h, múltiplos serviços de conveniência, infraestrutura nunca vista no Centro-Oeste e localização estratégica, com logística multimodal de fácil acesso.



**CONHEÇA O ALL PARK
POLO EMPRESARIAL:**
um lugar onde os benefícios
ultrapassam os custos.

COORDENAÇÃO DE VENDAS:

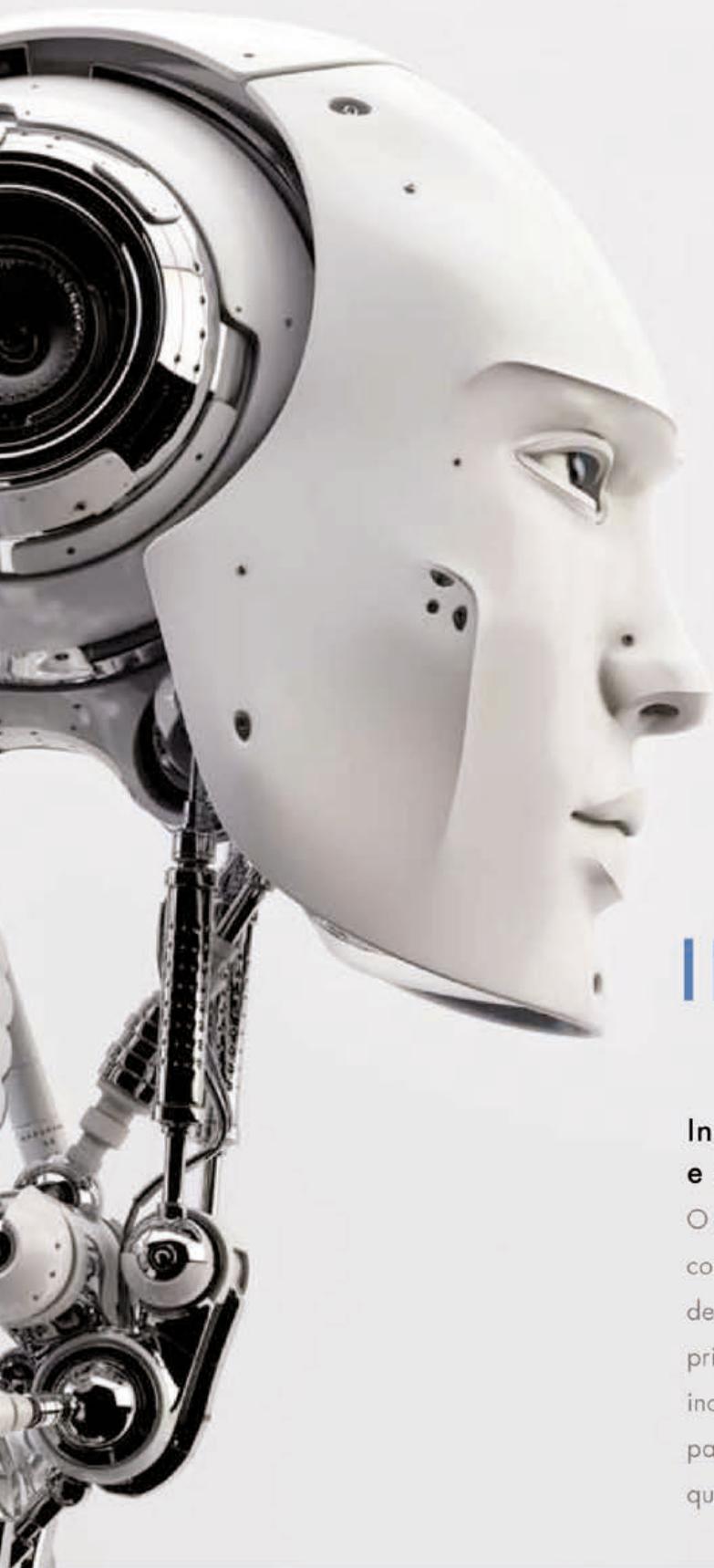
VENDAS:

REALIZAÇÃO:



(62) 4006-2640
ALLPARKPOLOEMPRESARIAL.COM.BR
AV. TANNER DE MELO - FAZENDA FAZENDINHA,
APARECIDA DE GOIÂNIA - GOIÁS

Imagens ilustrativas, podendo sofrer alterações de cor, acabamento e composição. Os móveis das áreas comuns são de dimensões comerciais, não integrando o contrato de compra e venda do material. *Heliponto e hangar não compõem a infraestrutura do All Park e poderão ser executados caso haja viabilidade técnica e legal, ficando a cargo do empreendedor, ou a quem este indicar, sua administração e gestão. **Os itens que compõem o Facilities não integram a infraestrutura do All Park, e seus espaços serão destinados às atividades anunciadas, podendo ser modificados de acordo com a necessidade do empreendimento e a exclusivo critério do empreendedor. Registro de Incorporação: R5 229.292, Cartório de Registro de Imóveis e Tabelionato 1º de Notas da Comarca de Aparecida de Goiânia - GO.



VOCÊ PODE

COLOCAR EM PRÁTICA

AQUELE PROJETO INOVADOR

DA SUA EMPRESA

COM O APOIO DO

INOVA TALENTOS.



Inovação. A chave para a competitividade e desenvolvimento das indústrias e do país.

O Programa INOVA Talentos é uma parceria IEL com o CNPQ, e tem o objetivo de desenvolver projetos de inovação nas empresas e institutos de PD&I privados. Se você é empresário, tem um projeto de inovação e precisa de apoio dos melhores profissionais para que esse projeto aconteça, saiba então que essa é a oportunidade que você não pode perder.

Acesse o site www.inovatalentos.com.br e saiba como participar.

APOIO



PARCERIA



Ministério da
Ciência, Tecnologia
e Inovação



REALIZAÇÃO

